

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA INVESTIGAÇÃO JUNTO AOS/ÀS PROFESSORES/AS DO INSTITUTO
ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/SC**

PRISCILA ELZA DA SILVA

FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 2010

PRISCILA ELZA DA SILVA

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UMA INVESTIGAÇÃO JUNTO AOS/ÀS PROFESSORES/AS DO
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/SC**

Monografia apresentada ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em EDUCAÇÃO FÍSICA.

Orientador/a: Professora Dr^a Maria do Carmo Saraiva

**Florianópolis, SC.
Junho de 2010.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Comissão examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de
Curso (Monografia),

**LIMITES E POSSIBILIDADES DA DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: UMA INVESTIGAÇÃO JUNTO AOS/ÀS PROFESSORES/AS DO
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/SC**

Elaborada por

Priscila Elza da Silva

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/a em Educação Física.

Comissão Examinadora (Banca):

Orientadora - Prof^a Dr^a Maria do Carmo Saraiva – UFSC

Co-orientadora- Mestranda Julieta Furtado Camargo

Membro – Prof^a Ms Luciana Fiamoncini

Suplente – Prof^a Ms Cristiane Ker de Melo

Florianópolis, 23 de junho de 2010.

*Dedico este trabalho a meus pais, que
muito me apoiaram e me deram
oportunidades que me fizeram chegar até
aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais que muito lutaram para me fazer chegar até aqui, que me deram força e coragem para continuar, mesmo quando tudo parecia tão difícil.

Agradeço a meus irmãos Patrícia, Paula e Osvaldo que procuraram me auxiliar com suas palavras de carinho, conforto e esperança.

Agradeço ao Raul, meu companheiro, meu amigo, meu amor que em todos os momentos, dos mais felizes aos mais difíceis, esteve por perto para me ajudar brilhantemente a superar os obstáculos mais diversos.

Agradeço à minha orientadora Maria do Carmo, não apenas pela orientação, que se fez de forma excepcional, mas por toda a ajuda que me deu durante o curso quando lhe solicitei apoio, por ter contribuído para minha formação como professora de Educação Física, sendo firme quando necessário e amável quando merecido.

Agradeço à Julieta, minha Co-orientadora que tão bem soube me auxiliar, com toda sua bagagem pedagógica e científica.

Agradeço a escola Instituto Estadual de Educação que se colocou a minha disposição para a concretização desta pesquisa. Agradeço em especial, os/às professores/as e coordenação do departamento de Educação Física que, espontaneamente, aceitaram me ajudar na realização deste trabalho.

Agradeço à Maria Aparecida Gonzaga, minha primeira professora de dança, por me apresentar e ensinar a dança, por fazer de mim uma eterna amante da mesma.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar, através de um trabalho de natureza descritiva, situada numa abordagem qualitativa, quais os limites e possibilidades de abordar a dança nas aulas de Educação Física, pois sendo ela também movimento humano significativo, temos a considerá-la um conteúdo possível neste contexto. É possível observarmos que em aulas de Educação Física o conteúdo esportes é o que prevalece, porém percebemos que existem outras práticas que vão além dos esportes e que também podem contribuir para a formação humana de alunos e alunas, exigindo assim, um novo olhar do/a professor/a. Considerando que a dança pode contribuir para esse aspecto, reconhecemos que ela deve ser trabalhada nas aulas de Educação física. Para investigar o objeto de pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e um questionário com sete professores/as de Educação Física e com o coordenador do Departamento de Educação Física da escola Instituto Estadual de Educação, da cidade de Florianópolis. Percebeu-se que a dança é um conteúdo possível nas aulas de Educação Física, mesmo que existam dificuldades para tal, como a falta de conhecimento e formação sobre o assunto por parte dos/as professores/as e a falta de experiências e/ou vivências que estes podem ter com a dança.

Palavras-chave: Dança; Educação Física; Conteúdos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. METODOLOGIA.....	7
3. DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E POSSIBILIDADES.....	11
3.1. O QUE É DANÇA PARA OS/AS PROFESSORES/AS?	11
3.2. DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ALIANÇA POSSÍVEL.....	17
3.2.1 Conhecimento e Formação	18
3.2.2 Alunos/as resistentes, professores/as acomodados?.....	23
3.2.3 Em que espaços podemos trabalhar a dança?	27
3.3. O QUE DANÇAR NA ESCOLA?	31
3.4. O QUE FAZER COM A DANÇA NA ESCOLA?	37
3.5. A ESCOLA E A DANÇA: sem reconhecimento não há ação pedagógica!.....	40
4. A EXPERIÊNCIA: ou do Porquê escolhemos conteúdos nas aulas de Educação Física.	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56
ANEXO I: ROTEIRO PARA ENTREVISTA	56
ANEXO II: QUESTIONÁRIO.....	57
ANEXO III: QUADRO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS - EXEMPLO	58
ANEXO IV: CERTIFICADO COMITÊ DE ÉTICA.....	61

1. INTRODUÇÃO

O ato de dançar pode ser definido como “fruto da necessidade de expressão do homem” (FARO, 1986, p.13), pois, antes de polir a pedra e construir abrigos, os homens já se movimentavam ritmicamente para se aquecer e se comunicar. Barreto (2004) menciona que a dança é um fenômeno que sempre se apresentou como expressão humana, seja em rituais, como forma de lazer ou como linguagem artística. Assim, dança também é uma forma de nos expressarmos, de nos comunicarmos com o outro corporalmente. A dança é uma produção social, um “patrimônio cultural imaterial” e faz parte das mais variadas sociedades, em diferentes formas e expressões (STRAZZACAPA, 2007).

Segundo Porpino (2006), pensar na dança é pensar nos vários momentos em que a comunicação escrita ou falada não foi suficiente para expressar as angústias ou o desejo de poetizar. Desta forma, pode-se considerar, então, que o conceito de dança, vai além dos gestos e movimentos, dançar também significa fazer arte. “A dança é uma manifestação artística, criação de indivíduos, representação de um povo” (STRAZZACAPA, 2007, p.16).

Com base nessas colocações, é possível observar que a dança possui diferentes formas de ser conceituada, já que ela pode abranger muitos significados e representações. Sendo assim, conceituá-la ou compreender seu significado, pode ser uma tarefa difícil.

Na sociedade contemporânea, a dança se apresenta de forma abrangente na sua ação e reflexão e, por isso, encontra-se certa dificuldade para definir o que é a mesma. Para Krischke, (2004) “na contemporaneidade é problemática a sua conceituação porque ela vem se constituindo, na realidade, por fusões, mesclas diferentes entre si. Isso torna a dança aparentemente menos definida” (p. 49). Desta maneira, segundo a autora, o conceito de

dança, assim como de qualquer outro fenômeno/tema da cultura humana, está sempre em transformação, sempre sujeito a mudanças.

Em cada época, a cada geração, parece existir um conceito diferenciado para definir a dança. Segundo Saraiva-Kunz (2003) “a dança, por sua natureza única e suas múltiplas funções, precisa ter seu significado construído em diferentes tempos e espaços e em múltiplas teorias concernente a esses tempos e espaços” (p.78), e por isso a autora delimita um âmbito de compreensão da dança para conceituá-la. Para ela, independente de sua abordagem, a dança “aparece entre as formas estéticas e tem como instrumento o corpo humano” (p. 78). O fato de considerar a dança como uma forma de Educação Estética está ligado ao sentido que as pessoas dão a ela quando dançam, ou seja, é compreender o que é a dança para quem dança antes de tudo e, por isso, ela coloca:

Conhecer o que é dança, essa breve expressão humana que, tanto quando acontece no palco, como na sala de aula, é efêmera, infinita e tem muitos sentidos, talvez só seja possível através da atitude fenomenológica que admite o conhecer como o ato de desvelar o fenômeno, o que se dá numa interação de estímulos entre o fenômeno e o observador. (SARAIVA-KUNZ, 2003, p. 82)

A partir deste significado, é possível considerar que para conceituar a dança é preciso vivenciá-la, experimentá-la e assim, cada indivíduo pode ter então, um conceito diferenciado para a dança.

Saraiva-Kunz (2003) traz, ainda, que acima das suas infinitas significações e conceitos, a dança sempre se apresentará por meio do movimento e, por isso, há a necessidade de analisar a dança como um movimento que se diferencia de outras atividades técnicas; a expressão de emoções e sentimentos na dança se dá por via de uma representação das emoções vividas, como será visto mais adiante.

Ainda sobre este aspecto, Dantas (1999) apresenta que a dança não é apenas gestos e movimentos executados, pois “gestos e movimentos são inerentes ao ser humano” (p. 15). Para ela, os movimentos transformados em gestos de dança possuem características próprias da mesma, já que fatores como espaço, tempo, ritmo, dinâmica e o próprio modo de movimentação do corpo tornam-se diferentes dos simples gestos e movimentos que executamos em momentos não dançantes. A autora ainda afirma que ao dançar, as pessoas “não apenas reinventam movimento, tempo e espaço, mas transformam-se em personagens,

pois a dança cria um jogo de forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano” (p.17).

O fato de refletir sobre a dança também como movimento nos faz considerar que ela faz parte da cultura corporal de movimentos, estando assim, diretamente relacionada à Educação Física. Foi justamente por pensar nessa relação, que me questionei: Por que, geralmente, não encontramos a dança nas aulas de Educação Física?

Sabe-se que, nos currículos que formam professores/as de Educação Física, encontram-se conteúdos como dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica e outras (BETTI, 1999). Assim, observa-se que a dança, de certa forma, é apresentada e/ou ensinada aos/às professores/as em sua formação acadêmica. Em contrapartida, a dança nas aulas de Educação Física parece ainda pouco existir (BETTI, 1999; SARAIVA e SOARES, 1999; PACHECO, 1999; STRAZZACAPPA, 2001).

É possível observar que em aulas de Educação Física o conteúdo esportes é o que prevalece. Mais do que isto, percebe-se ainda a prevalência de apenas algumas modalidades esportivas, tais como o futebol, basquetebol e voleibol (BETTI, 1999). Porém, atualmente, a partir de um olhar mais atento, é possível perceber que “as práticas corporais ultrapassam a linha do campo dos esportes”, conforme Kleinubing e Saraiva (2009, p.200). Para as autoras, as atividades ligadas à natureza, às artes marciais, e as voltadas ao cuidado com a saúde, por exemplo, estão “em alta” e exigem um novo olhar do/a professor/a de Educação Física, que deve estar preocupado/a em levar aos/às seus/uas alunos/as o conhecimento de diferentes práticas corporais; com isso aumentar o repertório de movimento dos/as mesmos/as, ampliando o diálogo com seu próprio corpo e com o corpo do/a outro/a. Nesta perspectiva e considerando que a dança faz parte da cultura de movimentos e que pode contribuir para uma outra percepção de movimento, reconheço que ela deve ser trabalhada nas aulas de Educação física.

É fato que “a dança é uma das manifestações de movimento mais apreciadas entre crianças, jovens e adultos, na educação e no contexto sócio-cultural” (SARAIVA et al 2007, p.152). Inclusive, pode-se observar que a dança se faz presente nas escolas sempre que há a realização de alguma solenidade, homenagem e/ou datas comemorativas (KLEINUBING, 2009), mas, raramente, vemos a dança ser tratada na escola, e aqui mais especificamente nas

aulas de Educação Física, como um conteúdo sistematizado para o ensino. Por que será que isso acontece? Por que a dança não é tratada nas aulas de Educação Física como um conteúdo assim como são tratadas algumas modalidades esportivas, por exemplo?

Para estes questionamentos Saraiva-Kunz et al (1997), trazem a seguinte reflexão: a dança, como todas as outras formas do saber e fazer humanos sofre, também, a “redefinição dos interesses sócio-político-culturais”, e aqui, inclui-se também a escola. As autoras afirmam que a dança não faz parte do saber a ser desenvolvido na escola, pois, na escola da elite ela é supérflua por não fazer parte do SABER, na escola do povo é desnecessária por não fazer parte do FAZER. Isto porque a dança, por um lado, não abarca, com a racionalidade do saber necessário à produção na sociedade industrial; e por outro lado, não instrumentaliza ao fazer necessário para ser mão-de-obra barata, nessa mesma sociedade.

Ainda é possível justificar a pouca presença da dança nas aulas de Educação Física, pela questão dos preconceitos. Considera-se que a dança deve ser praticada apenas por mulheres (MARQUES, 1997). Sabe-se que os costumes, a cultura, as diferentes formas de pensar são elementos construídos socialmente e o movimento também é algo construído pelas pessoas que fazem parte da sociedade. Segundo Saraiva (apud KLEINUBING, 2009), “as atitudes e formas de comportamentos típicos de homens e mulheres estão condicionadas às diretrizes sociais respectivas aos sexos, estereótipos e construção de poder (p. 30)”. Encaminhando este pensamento para a dança é possível analisar que a mesma não faz parte das atitudes e dos comportamentos masculinos esperados pela sociedade, já que ela pode possibilitar o trabalho de criatividade e estimular nas pessoas a sensibilidade, elementos estes ligados ao universo feminino, como nos é colocado pela sociedade moderna (KLEINUBING, 2009).

Pode-se ainda considerar o aspecto da falta de conhecimento. Muitos/as professores/as afirmam que não possuem o conhecimento necessário para trabalhar a dança em suas aulas. Kleinubing e Saraiva (2009) mostram em sua pesquisa tais evidências: os/as professores/as entrevistados/as afirmam que tiveram a dança em sua formação, no entanto, tal conhecimento não foi suficiente para trabalhá-la em suas aulas.

Outro fator que interfere na prática ou não da dança nas aulas de Educação Física é a questão da afinidade com tal conteúdo. Na pesquisa de Kleinubing e Saraiva (2009) este

fator aparece, principalmente por parte dos professores do sexo masculino, como elemento também determinante para a prática ou não da dança nas aulas de Educação Física. Tais professores colocam que não possuem afinidade, não gostam ou não tem “jeito” para ensinar a dança aos/às seus/uas alunos/as, por isso, em suas aulas a dança não é um conteúdo abordado.

Como se não bastasse, ainda há a justificção da pouca presença da dança nas aulas de Educação Física pela falta de espaço específico nas escolas para tal prática (KLEINUBING e SARAIVA, 2009). É predominante, ainda, a ideia de que aulas de dança devem ser realizadas em salas próprias para dança, com espelhos, barras e pisos de madeira.

Strazzacappa (2001) considera que a dança no âmbito educacional busca desenvolver não apenas as capacidades motoras de alunos e alunas, mas também suas capacidades imaginativas e criativas. Segundo a autora, a atividade de dança se diferencia daquelas normalmente propostas pela Educação Física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, geralmente presente nos esportes. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras pessoas, enfatizando assim, o aspecto da sociabilidade, também importante no processo de desenvolvimento do ser social. Sendo assim, podemos considerar, que a dança, no âmbito educativo, pode ser inserida nas aulas de Educação Física podendo ensinar tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras.

Tendo em conta essas considerações, busquei com esta pesquisa analisar quais os limites e possibilidades de abordar a dança nas aulas de Educação Física, por meio de uma investigação realizada com professores/as de Educação Física e com o coordenador do Departamento de Educação Física da escola Instituto Estadual de Educação, da cidade de Florianópolis.

Optei pela escola em questão, por esta ser uma das maiores e mais antiga escola da cidade de Florianópolis, abarcando o ensino público e também um maior número de professores/as de Educação Física em sua equipe. Além disso, tal escola faz parte da minha história com a dança, pois foi lá, quando era aluna, que aprendi a gostar desta prática, não no âmbito da Educação Física, mas fora dela, pois quando lá estudava, os alunos e alunas tinham a opção de participar das aulas de Educação Física ou praticar outras atividades

como dança, judô, esportes em geral, que estavam ligados ao Departamento de Esportes da escola, que lá funciona separado do Departamento de Educação Física. Assim, conhecendo a escola e sua realidade, sabendo que lá a dança está presente, não necessariamente dentro das aulas curriculares de Educação Física, e que a instituição possui recursos (espaço físico, professores/as de dança, etc.) para trabalhar a dança, considerei a escola como um campo interessante para investigar meu objeto de estudo.

Sendo assim, foram estabelecidos como objetivo geral desta pesquisa: Investigar os limites e possibilidades do conteúdo dança nas aulas de Educação Física da escola Instituto Estadual de Educação, da cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Como objetivos específicos, foram estabelecidos:

1. Identificar representações e conceitos que os/as professores/as e coordenação do Departamento de Educação Física da escola, têm sobre a dança;
2. Investigar, se os/as professores/as de Educação Física e coordenação do Departamento de Educação Física da escola reconhecem a dança como algo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física;
3. Conhecer quais os motivos que levam professores/as e coordenação a apontarem, ou não, esse assunto (a dança);
4. Analisar as possibilidades de inclusão da dança nas aulas de Educação Física.

2. METODOLOGIA

Mediante os objetivos e finalidades dessa pesquisa, optei por realizar um estudo de natureza descritiva, situada numa abordagem qualitativa.

Pode-se dizer que a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los, o que permite estabelecer o *status* de certas práticas e áreas do nosso interesse e, enfim, tornar evidente situações para idealizar planos e decisões futuras (MARTINS JUNIOR, 2008; THOMAS e NELSON, 2002).

Na pesquisa qualitativa, em geral, o/a pesquisador/a está em contato direto com o/a colaborador/a, observando-o/a, tendo o objetivo de descobrir sua opinião, reações, entendimento, sentimentos sobre o assunto da pesquisa. Sendo assim, numa pesquisa qualitativa, devemos ouvir o que as pessoas tem a dizer, tentando explorar suas ideias e preocupações sobre o determinado assunto.

Desta forma, com a pesquisa descritiva, procurei conhecer e interpretar a realidade e através da pesquisa qualitativa, a partir da análise qualitativa dos dados, busquei compreender de forma particular aquilo que foi investigado, sem preocupação com generalizações, princípios e leis (MARTINS JUNIOR, 2008).

Como instrumento de coleta de dados, foram utilizados para este estudo, uma entrevista semi-estruturada (roteiro em anexo I) e um questionário com questões de múltipla escolha (anexo II). A entrevista semi-estruturada consiste em uma série de questões abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o/a entrevistador/a pode acrescentar perguntas de esclarecimento (LAVILLE e DIONNE, 1999), por isso, como apoio para a entrevista foi utilizado um roteiro com oito perguntas abertas já pré-determinadas, mas no decorrer das entrevistas outras perguntas foram feitas, para mais

esclarecimentos das questões que iam surgindo durante o processo. É importante colocar, ainda, que este instrumento de pesquisa passou por um estudo piloto sendo realizado primeiramente com dois professores e com uma professora de Educação Física por mim conhecidos/a, para que se pudesse avaliar o alcance das perguntas em relação aos seus objetivos. Após, algumas perguntas foram reestruturadas e só depois foi iniciada, de fato, a coleta de dados com os reais participantes dessa pesquisa.

A aplicação de um questionário teve o intuito de reforçar e confirmar as idéias/falas dos/as entrevistado/as, portanto, cabe salientar, que aqui utilizei apenas a análise das entrevistas, porque no decorrer da escrita do trabalho fui observando que os dados obtidos no questionário não alteravam os dados das entrevistas.

As questões da entrevista e do questionário tiveram o intuito de investigar o que os/as participantes do estudo consideram ser a dança; saber o que os/as investigados/as pensam sobre a dança como um conteúdo da disciplina de Educação Física e quais os motivos que os/as levam a apontar, ou não, esse conteúdo.

Participaram da pesquisa três professoras e quatro professores de Educação Física que trabalham com o Ensino Fundamental e Médio da escola Instituto Estadual de Educação e o coordenador do Departamento de Educação Física da mesma instituição. O contato com esses/as foi feito por meio de visitas na escola, em horários que foram planejados conforme a disponibilidade de tais participantes, através de telefonemas ou mensagens por e-mail. Apenas com uma professora a coleta de dados foi realizada fora do ambiente escolar, em um dos shoppings da cidade de Florianópolis que fica próximo a sua casa, pois a mesma estava de licença médica e por isso, não estava comparecendo à escola, mesmo assim, não deixou de contribuir para esta pesquisa. Esses/as professores/as são citados aqui com nomes fictícios, por mim nomeados/as aleatoriamente, para que se possa resguardar a identidade de cada participante. Apenas para o coordenador não foi dado um nome fictício, pois quando o mesmo é citado no trabalho chamo-o de coordenador.

As entrevistas foram gravadas e, logo após as gravações, os depoimentos foram ouvidos e transcritos integralmente; posteriormente, foram analisados e agrupados em categorias que subsidiaram a análise dos dados e com todos esses elementos montei um quadro de análise (anexo III- exemplo).

A palavra categoria, de certa forma, se refere a um conceito que engloba elementos com características comuns ou que se relacionam entre si. As categorias são empregadas para estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso (GOMES, 1999). Segundo Gomes (1999), as categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo ou a partir da coleta de dados. Aquelas estabelecidas antes são conceitos mais gerais e mais abstratos. Já as que são formuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e mais concretas e, por isso, aqui as categorias foram formuladas a partir da coleta de dados.

Para analisar os dados coletados, segui a proposta de interpretação qualitativa de dados apresentada por Minayo (apud GOMES, 1999), que pareceu bastante adequada para a pesquisa em questão. A proposta citada denomina-se Método hermenêutico-dialético.

Gomes (1999) destaca dois níveis de interpretação que devem ser feitos, segundo a proposta de Minayo (idem): como primeiro nível ele trás as determinações fundamentais. Esse nível diz respeito a conjuntura sócio-econômica e política do qual faz parte o grupo social a ser estudado; história desse grupo e política que se relaciona a esse grupo. Essas determinações já devem ser definidas na fase exploratória da pesquisa. Nesse sentido, cabe relatar que não me propus a levantar as condições sociais desses/as professores/as, ou outras implicações que demarcariam sua prática pedagógica, decorrentes ou não da condição social, como atribuições que fossem assumidas dentro da própria escola, pois parti do pressuposto de que esses/as professores/as, em sua maioria substitutos, apresentariam tais aspectos no decorrer das entrevistas. Além disso, como meu objetivo foi pensar a prática pedagógica dos/as professores/as em relação às possibilidades e limites de trabalhar a dança em suas aulas, achei que investigar tais elementos não seria um aspecto tão relevante para esta pesquisa.

O segundo nível de interpretação citado pelo autor baseia-se no encontro que realizamos com os fatos surgidos na investigação. Segundo ele, esse nível, acaba sendo, ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de chegada na análise.

Para a operacionalização do Método hermenêutico-dialético, Minayo (apud GOMES, 1999, p. 78) apresenta alguns passos, os quais utilizei, tal como: “ordenação dos dados” onde fiz um mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo;

“Classificação dos dados”, onde, com base no que foi relevante nas falas, elaborei as categorias específicas; e “Análise final”, aqui procurei estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, procurando responder as questões da pesquisa com base em seus objetivos.

É importante destacar ainda que o projeto de pesquisa deste estudo foi submetido ao comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo a sua aprovação (certificado em anexo IV) e garantindo assim, os necessários resguardos de dados e de identidades das pessoas investigadas. Somente após o resultado de aprovação do projeto é que a coleta foi iniciada.

3. DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E POSSIBILIDADES

A partir deste capítulo, iniciam-se as discussões em relação às falas dos/as entrevistados/as com referências teóricas. Especificamente, serão abordados elementos como conceito de dança para os/as professores/as e coordenação; o reconhecimento, ou não, da dança como um conteúdo das aulas de Educação Física, por parte dos/as entrevistados/as, e seus argumentos para justificar estas respostas. Apresenta-se e reflete-se sobre as perspectivas do que é possível dançar na Educação Física; dos aspectos positivos que a dança pode proporcionar aos/as alunos/as; e a relação da escola Instituto estadual de Educação com a dança, nessa visão dos/as professores/as e coordenação.

3.1. O QUE É DANÇA PARA OS/AS PROFESSORES/AS?

Para iniciar as entrevistas com os/as sete professores/as e com o coordenador do departamento de Educação Física da escola, parti exatamente desta pergunta: “O que é dança para você?” Iniciei com este questionamento, porque antes de conhecer se esses/as professores/as e coordenação reconhecem, ou não, a dança como conteúdo possível nas aulas de Educação Física, é importante buscar compreender o que eles/as consideram ser a dança. A partir daí tive mais facilidade para compreender suas justificativas para a presença ou não dela no contexto da Educação Física.

Para a maioria dos/as entrevistados/as, a dança significa movimento, no entanto, há aqui três formas de se definir este movimento: Em primeiro lugar, a dança aparece para dois

professores e para uma professora como uma forma de nos movimentarmos através de um ritmo: *Dança é todo um movimento que a pessoa faz desde que seja ritmado* (Antônio) / *A dança são movimentos físicos que com a música dá um desempenho físico, social e harmônico* (Carlos), e para essas respostas criei a categoria **Movimento ritmado**. Uma outra categoria foi criada a partir da fala do professor Guilherme que conceituou a dança como **Movimentos harmônicos** e tal expressão nomeou a mesma. Por último, duas professoras e um professor disseram ser a dança movimentos que são executados com sentimentos: *Dança é uma possibilidade que as pessoas têm de transcrever o que estão sentindo, de se desenvolver, falando em termos motores, e conseguir passar isso pra outras pessoas através do movimento* (Carolina), e a partir daí surgiu a categoria **Expressão de sentimentos através da música**.

Apenas um entrevistado apresentou a dança como uma “*representação cultural*” (Coordenador), como algo que faz parte da cultura das pessoas, da cultura de um povo: *É uma representação cultural, porque a dança é cultura, já que todos os povos dançam; a dança faz parte do dia-a-dia de todas as pessoas; e é uma forma de movimento muito importante*, e para essa resposta criei a categoria **Manifestação cultural**.

A partir daí, pude considerar, especialmente, dois vieses que apareceram, predominantemente, nas respostas desse grupo de professores/as como algo que define a dança: dança como movimento e dança como expressão de sentimentos.

Martin (2007) nos coloca que o movimento é a verdadeira essência da dança. Assim, podemos considerar que acreditar no movimento como essência da dança significa que o movimento é algo que constitui a dança sim, que faz parte dela, mas não que seja algo que possa defini-la totalmente.

Para Dantas (1999) a dança é movimento e gesto, porém, defini-lá apenas assim não basta, já que as pessoas “expressam-se, manifestam-se, comunicam-se através de suas ações, de suas posturas e atitudes corporais, de seus movimentos e gestos, sem estar, necessariamente, dançando” (p. 15). Então, podemos considerar que o movimento é algo que está presente no ser humano, o movimento faz parte do ser humano e não apenas da dança. No entanto, Martin (2007) nos coloca que para dançar o/a bailarino/a precisa trabalhar seus movimentos para além dos limites do corpo humano, para assim, alcançar seu objetivo

naquele momento dançante, pois o corpo humano, na sua posição natural, é limitado nas suas possibilidades de movimento.

O movimento natural das pernas, por exemplo, é somente para trás e para diante, com uma pequena amplitude para os lados permitindo variações. Quando a perna toda gira a partir do quadril descobrimos que mais movimentos podem ser feitos. Além disso, posicionando-se os pés em linhas paralelas como na quinta posição, é possível fazer movimentos em linha reta pra os lados sem interferência. Portanto, com os quadris rodados pra fora, o bailarino pode mover-se com aparente facilidade em qualquer direção, e ainda manter o rosto voltado pra a platéia. [...] A elevação nas pontas dos pés resulta do esforço para aumentar a gama de movimento do bailarino na direção vertical. Saltos são necessariamente de curta duração e são expressão de um esforço muscular especial. [...] (MARTIN, 2007, p.240/241)

Desta forma, pode-se observar que o movimento quando colocado na dança passa a possuir especificidades. Simples gestos quando transformados em movimentos de dança, passam a adquirir características extraordinárias, pois fatores espaciais, temporais, rítmicos, dinâmicos presentes na dança acabam exigindo desses simples movimentos novas posturas, novas atitudes corporais para que os mesmos se tornem dança (DANTAS, 1999). Para Dantas (idem), estes movimentos dançantes acabam possuindo assim, valores em si mesmos, permitindo formular impressões, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções e quem dança passa a realizar movimentos que não possuem, aparentemente, nenhuma função prática, mas que possuem sentido e significado em si mesmos, sendo recriados e revividos a cada momento que é dançado. O movimento passa a ser então, “um meio, em si e por si, para a transferência de um conceito *estético-emocional* da consciência de um indivíduo para a de outro” (MARTIN, 2007, p.236).

Pensar a dança como estética significa pensá-la como arte, como uma expressão artística. “Afirmar que os gestos e movimentos em dança têm valor intrinsecamente estético significa remeter a possibilidade que toda dança tem de ser arte” (DANTAS, 1999, p. 18). Para pensar sobre este aspecto, alguns autores (COPELAND e COHEN, 1983; DANTAS 1999; SARAIVA-KUNZ, 2003) nos apresentam a autora Langer¹, “filósofa que ensinou no Connecticut College for Women e era rigorosamente associada ao papel histórico da instituição no desenvolvimento da dança moderna” (COPELAND e COHEN, 1983, p. 4), que coloca que a

¹ Susanne Langer trouxe importante contribuição para a Teoria do Conhecimento e a Estética. Seu principal trabalho para nos ajudar a pensar a dança são dois capítulos em “Sentimento e Forma”, de 1953, editado pela Editora Perspectiva.

arte é coisa criada como irreal, ilusória, embora existente na imaginação e nos sentidos. Para a autora, o que a arte manifesta é o curso da sensibilidade, do sentimento, da emoção. Sendo assim, já que é possível considerar que dança é uma manifestação artística, então, pode-se dizer que dança também é expressão de sentimentos, como foi mencionado por alguns/umas professores/as participantes desta pesquisa: *Dança é movimento. Mas é um movimento com sentimento. É o corpo se movimentando e é sentimento [...]* (Paula).

Para refletir sobre este aspecto, busquei em primeiro lugar, a teoria da Metacinese, apresentada por Martin (2007). Nesta teoria, como afirmam também Copeland e Cohen (1983), a arte da dança é colocada como a expressão e transferência, através do movimento, de experiências mentais e emocionais que o indivíduo não pode expressar por meios racionais ou intelectuais e, além disso, considera-se também que os movimentos dos bailarinos possuem intenções.

Por meio dos trabalhos estudados (COPELAND e COHEN, 1983; DANTAS 1999; SARAIVA-KUNZ, 2003), podemos perceber que Langer apresenta que a dança se origina nas emoções do artista, emoções que são, então, diretamente “expressadas” no trabalho de arte; no entanto, no pensamento da autora a expressão de sentimento em arte não acontece de forma direta, mas através de uma forma simbólica: os gestos da dança expressam sentimentos, mas não, necessariamente, sentimentos reais do momento. Esses sentimentos são representados por quem dança, mas não sentidos realmente por quem dança e, assim, os gestos dançados pelos/as bailarinos/as são virtuais ou ilusórios, são simbolicamente expressivos e não auto-expressão. Este pensamento contrapõe-se ao pensamento de Martin apresentado anteriormente. Sendo assim, pode-se considerar que, de fato, através da dança há expressão de sentimentos, mas nem sempre este sentimento é próprio de quem dança e sim representado por quem dança.

Algumas autoras (STRAZZACAPPA, 2001; SARAIVA-KUNZ, 2003; BARRETO, 2004) afirmam que para se entender e conceituar a dança é preciso vivenciá-la, experimentá-la. Saraiva-Kunz (idem) reforça esta idéia ao dizer que

são muitas as análises da dança que mencionam que todos - bailarinos, coreógrafos, críticos, apreciadores – têm suas concepções sobre a dança baseadas na sua experiência da dança, com a qual formulam sua filosofia e através da qual proporcionam a aproximação para a criação, instrução, apreciação e crítica, com o que torna-se essencial viver a dança para refleti-la (p. 83).

Acreditando e concordando com as argumentações dessas autoras, busquei então, conhecer as vivências e/ou experiências que os participantes desta pesquisa tem ou tiveram

com a dança, seja na sua vida pessoal, na sua formação acadêmica ou atuação pedagógica, para assim, poder compreender melhor, seus conceitos sobre ela.

Todos/as os/as entrevistados/as colocaram que tiveram ou tem sim algum contato com a dança, seja no seu período escolar quando criança, participando de apresentações em festas comemorativas ou folclóricas; seja na faculdade na disciplina de dança ou em outra disciplina que tenha abordado a dança como conteúdo; seja em sua vida pessoal como forma de lazer, saindo para dançar em festas ou bailes ou mesmo participando de cursos de dança. Desta forma, podemos interpretar que a dança como forma de movimento é do conhecimento de todos/as, porém, a dança como expressão artística, ou como manifestação cultural, talvez não tenha aparecido ainda para esses/as professores/as, ou ainda, que eles/as podem não ter refletido a fundo sobre essas significações da dança. Assim, até poderíamos considerar que esses professores e professoras possuem uma ideia restrita ou pouco aprofundada sobre esta prática.

Isto nos remete a pensar que o que estes professores tiveram foram apenas poucas e talvez rápidas vivências com a dança e não experiências.

Segundo Bondía (2002) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p. 21). Para ele, há muitas coisas acontecendo em nosso meio, no entanto, a experiência pouco acontece, ela é cada vez mais rara. Como já afirmava Benjamin em seu texto *Experiência e pobreza* (1987), “as ações da experiência estão em baixa” (p. 114).

Tentando explicar os motivos que nos levam a ter menos experiências, Bondía (idem) nos apresenta quatro fatores: há um excesso de informação; excesso de opinião; falta de tempo; e excesso de trabalho. Para ele, vivemos numa sociedade onde as pessoas buscam muitas informações, “vivemos numa sociedade de informação” e, muitas vezes, considera-se que a informação é sinônimo de conhecimento, porém, é necessário separarmos o saber da experiência do saber da informação, pois, depois de realizarmos uma viagem, de ler um livro, de assistir uma aula, “podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informações sobre alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou” (idem, p. 22). Com a opinião isso também acontece, costumamos opinar sobre tudo aquilo que temos de informação, depois

da informação vem a opinião, no entanto, também podemos significar que nada nos aconteceu. Em relação a falta de tempo, Bondía (idem) considera que os acontecimentos se dão de forma muito rápida, instantaneamente e isso impede que algo nos toque de fato, nos aconteça de verdade, pois passa muito rápido, não marca e logo outro acontecimento surge substituindo aquele que antes nos aconteceu. Além disso, temos o excesso de trabalho, as pessoas são levadas a produzir cada vez mais, de fazer algo sempre e não param, não sentem as coisas acontecerem, tudo passa muito rápido.

Somos sujeitos super informados, “transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Por sermos assim, sempre em atividade, sempre mobilizados a fazer algo, a dar opiniões, não conseguimos parar e se não conseguindo parar, não conseguimos deixar que nada nos aconteça, nos toque (idem). Para que algo nos toque, para que possamos ter experiência é preciso que paremos, que pensemos devagar, que olhemos devagar, que escutemos devagar, “precisamos parar para sentir, sentir mais devagar, [...], cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, [...], calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (idem, p. 24).

De fato, parece que os sujeitos desta pesquisa não conseguiram adquirir experiência com a dança, não pararam para pensar sobre ela com calma, com tempo, com atenção, tudo passou rápido para eles. Uma das professoras colocou que na faculdade, quando teve a disciplina de dança, tudo aconteceu em pouco tempo, muitos conteúdos foram colocados com pressa, as informações foram muitas e em pouco tempo: *era muito pouquinho tempo, não dava para se aprofundar em nada. Então isso não passou segurança para que depois, quem não teve essa experiência com a dança, que não era bailarino, que não dançou a vida inteira...trabalhe com isso no dia-a-dia* (Carolina). Podemos considerar então, que ela coloca que as pessoas que já tinham uma experiência com a dança fora da faculdade, possuem mais facilidade para abordar a mesma em sua prática pedagógica. Isso confirma meu pensamento inicial: esses/as professores/as e coordenação tiveram pequenas vivências com a dança, seja na faculdade, seja no seu dia-a-dia participando de cursos isolados de dança ou saindo para dançar e não experiências que tenham marcado, de forma positiva ou negativa, a sua relação com a dança, que tenham os levado a refletir mais profundamente sobre ela, sobre seus significados.

3.2. DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ALIANÇA POSSÍVEL

Antes de buscar compreender os limites e possibilidades da dança nas aulas de Educação Física na escola Instituto Estadual de Educação, considerei importante saber se os professores e coordenador do departamento de Educação Física, pertencentes a tal instituição e aqui investigados, consideram realmente que a dança faz parte deste contexto. Sendo assim, o seguinte questionamento foi feito a eles: “Você acredita na Educação Física como um possível espaço para a aula de dança? Por que?”

Para esta pergunta, todos responderam que sim, é possível trabalhar a dança nas aulas de Educação Física e apresentaram como justificativa para tal resposta que *a dança faz parte da Educação Física (Guilherme) / A dança deve sim ser apresentada aos alunos para que estes experimentem outras formas de movimento e assim possam afirmar se gostam ou não da determinada prática (Paula) / Todas as valências físicas podem ser desenvolvidas e trabalhadas com a dança, além dos aspectos sociais, como cooperação (coordenador).*

Entretanto, mesmo concordando que podemos abordar a dança nas aulas de Educação Física, a maioria dos professores respondeu essa pergunta já afirmando que mesmo considerando essa possibilidade, eles não trabalham esta prática em suas aulas. Apenas as três professoras colocaram que trabalham ou já trabalharam a dança em suas aulas, porém em coreografias para festas juninas ou em momentos singulares como no caso da professora “Paula”: *Nesse ano mesmo eu fiz uma aula na sala de dança aqui da escola e eu não havia preparado uma aula exatamente de dança, mas coloquei uma música e pedi para que eles se movimentassem e aí um aluno começou a criar uma coreografia e todos os outros colegas o imitaram.* De outro modo, a dança apareceu como um meio para gastar as energias das crianças, e exercitar sua coordenação: *[...] eu gosto muito de trabalhar com turmas de 1ª a 4ª série e eu dou aula de dança para eles. Tipo assim, eu faço um cronograma, três vezes, aula com bola e pelo menos uma vez na semana, aula de dança. Porque assim, as crianças de primeira série, principalmente, quando elas chegam à escola, elas não têm muita noção de espaço, elas trombam muito uma nas outras, elas sentam tudo amontoadas...Então eu sempre dou aula de dança nesse sentido, com improvisações: eu coloco uma música rápida e aí eles correm, correm, correm e aí eles têm que se desviar um*

do outro. As vezes tem aquelas brincadeiras muito utilizadas na Educação Física: quando eu parar a música senta, quando eu parar a música tem de ficar de quatro apoios, quando eu parar a música vai ficar de um pé só...Eu uso muito isso. Não necessariamente é uma aula só de dança, mas tá junto (Flávia).

Apesar dos relatos acima, nenhuma delas colocou que já trabalhou a dança como um conteúdo sistematizado, assim como são trabalhados os esportes, por exemplo. Então, para explicar a ausência da dança entre seus conteúdos programáticos os professores citaram os seguintes aspectos: falta de conhecimento sobre o assunto; resistência por parte de alguns alunos e/ou alunas para a prática da dança; e deficiência de espaço físico para trabalhar a dança.

Esses aspectos serão abordados nos itens a seguir.

3.2.1 Conhecimento e Formação

Quando, na entrevista, formulei aos/às entrevistados/as a pergunta: “O que é preciso para um/a professor/a trabalhar com a dança, enquanto conteúdo, nas aulas de educação física?” Todos/as responderam, em primeiro lugar, que é importante o/a professor/a ter o conhecimento sobre o assunto, para que ele/a possa ensiná-lo aos/às alunos/as. Entre esses/as professores/as, apenas um afirmou que não teve o conteúdo dança, ou a disciplina, na faculdade; os/as demais afirmaram ter tido tal conteúdo em sua formação, seja na disciplina específica sobre a dança ou em disciplinas que tenham abordado também a dança como conteúdo. No entanto, duas professoras e três professores que tiveram a dança em sua formação, colocaram que o que foi trabalhado sobre ela na faculdade são conhecimentos insuficientes para serem trabalhados em suas aulas. Somente o coordenador e uma professora afirmaram que a faculdade deu uma base para poderem trabalhar a dança com seus/uas alunos/as, até porque ambos consideraram que o curso de Graduação não forma totalmente o/a professor/a, e julgam necessário que se busque conhecimentos além da formação acadêmica inicial. Em outras palavras, essa professora e o coordenador nos colocam a importância da formação continuada: *A Universidade está ali para nos mostrar um caminho, não tem como saber a fundo nenhuma matéria. E aí vai do interesse do professor buscar fora outros conhecimentos. Se a pessoa tem interesse pela dança ela vai*

buscar isso. Como acontece com qualquer outra modalidade, com qualquer outra situação. Não se pode exigir demais da Universidade, porque existe uma grade curricular que deve ser obedecida (Coordenador) / [...] a faculdade não é suficiente para nada . Mas isso é normal, isso é assim mesmo. Não é que a faculdade foi ruim, é que eu era muito nova. Mas é muito do interesse de procurar mais aulas de dança, porque quando eu for dar aula de dança, os meus alunos podem gostar. Talvez se eu tivesse pensado nisso lá atrás hoje eu estaria preparada para isso, mas eu não estou. Eu fui para outros focos, eu fui para outras práticas (Flávia).

Essas evidências já apareceram no estudo de Kleinubing e Saraiva (2009), no qual os/as professores/as investigados/as também apresentaram que tiveram a dança em seu curso de graduação em Educação Física, mas que os conteúdos dessa disciplina não foram para eles/as significativos, pois para alguns/umas o contato com a dança em somente um período da graduação, que, em geral, é um semestre, configurado em quatro meses e meio de aula, foi muito rápido, ou, ainda, porque consideram que o conteúdo dança na faculdade poderia ter sido mais ampliado para um melhor aproveitamento deste conteúdo nas escolas. Aqui, uma professora também apontou estes aspectos: [...] *eu não me sinto preparada para trabalhar com isso (dança). [...]. Foram trabalhados diferentes estilos, foi trabalhado a parte teórica, foi trabalhado contagem em música, mas em muito pouco tempo (Carolina).* Outra professora também apresentou esta questão: *na faculdade eu tive pouco, foi só um semestre [...]* (Paula).

Kleinubing e Saraiva (2009) fazem algumas considerações sobre os conteúdos tratados na disciplina de dança nos cursos de Educação Física, entre elas, que “a organização curricular dos cursos de Educação Física não possibilita o aprofundamento de técnicas específicas de estilos de dança, bem como, entende-se que esse não deve ser o objetivo da formação” (p. 197).

O fato é que, de certa forma, podemos concordar com aqueles/as professores/as: é possível trabalhar a dança nas aulas de Educação Física desde que o/a professor/a tenha subsídios para trabalhar esse tema em suas aulas. Mas se o/a professor/a não tem esses subsídios é correto ele/a deixar de trabalhar a dança com os/as alunos/as por este motivo?

Podemos reconhecer que o conteúdo dança apresenta-se como de difícil compreensão a esses/as professores/as e, por isso, é possível identificar que eles/s

necessitam de formação continuada, buscando conhecimentos além dos recebidos em sua formação, por meio de cursos, pesquisas ou livros (KLEINUBING e SARAIVA, 2009). Não é justo privar os/as alunos/as de conhecerem outras formas de movimento e, principalmente, de possibilitar-lhes a ampliação do repertório de movimentos, devido à falta de conhecimento do/a professor/a. Se há possibilidades de conhecer, porque não ir atrás do conhecimento?

Todavia, uma das professoras colocou a seguinte afirmação em relação a este assunto: [...] *o professor não tem tempo, não tem conhecimento para isso ... Eu to falando por mim, eu não tenho conhecimento para trabalhar com a dança... E aí eu trabalho 30 horas no estado e 20 horas na prefeitura de São José. Dou quase 60 aulas por semana. Tu achas que eu vou chegar em casa e vou pesquisar sobre dança? Não tem condições. Eu chego em casa destruída, quero tomar banho e ir para cama.* [...] (Carolina). Isto nos faz refletir que tudo parece estar correndo, as coisas acontecem muito rápido, como já dizia Bondía, citado anteriormente. Todos/as precisam trabalhar, produzir e, por isso, acabam não tendo tempo ou não disponibilizando tempo para pensar, para refletir sobre as informações com calma, com paciência.

Uma outra justificativa para a não busca do conhecimento sobre a dança pelos/as professores/as de Educação Física é apresentada na pesquisa de Kleinubing e Saraiva (2009). Elas colocam que gostar da dança também é um fator importante para que o/a professor/a busque conhecer mais sobre ela para ensiná-la, caso ele/a não tenha o conteúdo necessário para isso, em outras palavras, para que ele/a busque a formação continuada na dança.

Na presente pesquisa também foi possível perceber que a falta de interesse por parte de alguns/umas professores/as em relação à dança, também é um fator que faz a mesma estar fora das aulas de Educação Física e influencia na busca, ou não, de conhecimento sobre este conteúdo para ser ensinado. Muitos/as colocaram que os/as professores/as precisam estar interessados/as pela dança, gostar da dança para poder ensiná-la aos/às seus/uas alunos/as: [...] *o professor deve estar interessado para passar a dança* (Alberto) / [...] *o professor tem que gostar da dança, porque se ele não gostar ele não vai nem conseguir passar para a turma aquele assunto* (Carlos). A maioria dos/as professores/as colocou que de fato não se sentem muito atraídos pela dança e este é um fator que acaba

afastando a mesma de suas aulas. Afirmaram que se tivessem a ajuda de algum/a profissional que entendesse sobre o assunto, tudo seria mais fácil. Dois professores colocaram que se uma outra pessoa tivesse o interesse de trazer a dança para seus/uas alunos/as eles cederiam espaço em suas aulas para isso: [...] *eu não tenho nenhum tipo de conteúdo, não tenho nenhum tipo de experiência com dança, só se viesse alguma pessoa que viesse dar essas aulas para eles daí eu poderia dar espaço da minha aula para isso* (Alberto) / [...] *Até se tivesse um projeto que viesse de fora para dentro do colégio para trabalhar a dança eu cederia espaço nas minhas aulas para trabalharem a dança com meus alunos. [...]. O interesse até que eu tenho, mas não tenho formação para isso* (Antônio). O fato é que para este último foi feita a pergunta: “[...] se a escola proporcionasse aos/às professores/as um curso sobre dança nas aulas de Educação Física, você toparia participar e, assim, poder conhecer mais sobre a dança nesse contexto e saber como ensinar a dança para seus alunos?” E a resposta dele foi: *Não. Eu não tenho jeito para a coisa. Agora se alguém viesse me pedir espaço na minha aula para dar dança para meus alunos, daí eu cederia espaço sem problema nenhum.* Isso pode nos parecer uma contradição, pois anteriormente ele colocou que teria interesse em conhecer mais sobre a dança, mas agora mostra que, mesmo se tivesse a oportunidade de conhecer mais sobre ela, ele não gostaria de usufruir a mesma. Além disso, dizer que pode ceder espaço na sua aula para alguém trabalhar a dança com seus/uas alunos/as parece um meio muito fácil e também pode ser uma forma de tirar de si a responsabilidade. O/a professor/a pode, sim, buscar esclarecimentos ou até mesmo trazer para suas aulas alguém que conheça mais sobre o assunto, porém, isso não significa que o melhor seja levar alguém para dar aula apenas a seus/uas alunos/as; entende-se que o/a professor/a deve estar junto com os/as alunos/as, buscando também aprender mais sobre o assunto, para que ele/a mesmo/a possa, posteriormente, ensinar a determinada prática aos seus alunos e alunas e não ficar apenas observando o processo como uma pessoa passiva; deve fazer parte ativamente deste processo. Esta pode ser uma das formas de buscar a formação continuada.

Coloquei que é necessário o/a professor/a buscar a formação continuada e me pergunto, tal como Saraiva et al (2007), se o fato de os/as professores/as não irem atrás disso é culpa deles/as mesmos/as. Será que estes/s estão tendo acesso à formação profissional continuada? Existem alguns cursos de especialização e formação continuada,

mas em sua maioria são pagos e o/a professor/a que não tem possibilidades de pagar acaba não participando dos mesmos e, conseqüentemente, as possibilidades de reflexão sobre sua prática passam a ser escassas. Por outro lado, vivemos numa sociedade onde tudo se transforma a todo o momento, as mudanças acontecem e a educação, fazendo parte desta sociedade, sofre também todas essas modificações. “A educação é parte integrante de um sistema social e econômico construído, e em constante transformação, por relações que se estabelecem dentro de um determinado contexto histórico” (SARAIVA et. al., 2007, p. 142). No entanto, o/a professor/a muitas vezes não está preparado/a para lidar com essas mudanças, e se ele/a não tem condições de pagar para usufruir de orientação e mais conhecimentos, se frustra por não conseguir compreender a realidade vivida. Isso me leva ao questionamento: o que os dirigentes fazem para tentar resolver esta situação?

Hoje, outras práticas, que podem contribuir para a formação humana de alunos e alunas no âmbito da Educação Física, estão surgindo cada vez mais, no entanto, sabemos que em aulas de Educação Física o foco ainda continua sendo o esporte, ou melhor, alguns esportes continuam sendo predominantes nas escolas. Na minha concepção, o/a professor/a de Educação Física, hoje, não pode resumir suas aulas em algumas práticas esportivas, ele/a deve estar preocupado/a em ensinar e apresentar aos/às seus/uas alunos/as as diversas formas de se movimentar como as lutas, jogos, brincadeiras, diversas práticas esportivas, enfim. A dança, por ser uma dessas formas de se movimentar que considero importante estar dentro das aulas de Educação Física, não pode deixar então de ser refletida, pensada e assim incluída neste contexto.

Em relação à questão de vagas para professores/as de dança e para professores/as de Educação Física no concurso da Prefeitura de Florianópolis, a professora Flávia colocou sua opinião insistindo em que professores/as de Educação Física dariam conta de ensinar a dança: [...] *o concurso da Prefeitura de Florianópolis, tem vaga para professor de Educação Física e para professor de Dança. Não é a mesma coisa? Não deveria ser a mesma coisa? Não deveria ser duas vagas para professor de dança e cinco vagas para professor de Educação Física, deveria ser sete vagas para professor de Educação Física. Se na escola tivesse que em um mês ter aula de dança todos os professores estariam prontos para isso. Mas até o concurso faz diferente.*

Talvez a professora Flávia tivesse razão, caso não tivesse apresentado fatores que, para ela (assim como para outros/as professores/as aqui), parecem ser motivos para manter a dança fora das aulas de Educação Física, como a falta de conhecimento e formação sobre a dança por parte dos/as professores/as, por exemplo. De fato, pode ser que a comunidade escolar e a comunidade em geral não reconheçam a dança como um conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física, mas se o concurso está abrindo vagas também para professores/as de dança na escola é porque a dança está deixando de ser trabalhada pelos/as professores/as de Educação Física. Se estes/as estivessem pensando na dança como um conteúdo a ser explorado em suas aulas, talvez não houvesse a necessidade de colocar dentro da escola um/a professor/a que trabalhe somente a dança. Por outro lado, sabemos que existe também a Graduação em dança, formando profissionais que também precisam de espaço para exercer essa profissão e colocar em prática o que aprenderam, e a escola é um espaço de atuação possível para essas pessoas, se habilitadas na Licenciatura. No entanto, mesmo que a escola tenha a dança dentro de um projeto, por exemplo, que seja dirigido por um/a professor/a de dança especificamente, isso não deve ser um motivo para o/a professor/a de Educação Física tornar ausente a dança em suas aulas, pois ela, ainda assim, continua sendo um conteúdo possível na Educação Física. Até porque o que o/a professor/a de dança pode desenvolver com os/as alunos/as pode ser algo diferente do que pode ser trabalhado sobre dança nas aulas de Educação Física, poderão ser focos diferenciados e assim poderá acontecer uma complementação de conteúdos entre os dois espaços da dança possíveis na escola.

3.2.2 Alunos/as resistentes, professores/as acomodados?

A resistência por parte de alguns alunos e/ou alunas para experimentarem a dança, é um outro fator que apareceu como justificativa para a pouca ou nenhuma existência da dança nas aulas de Educação Física, para esses/as professores/as. Alguns/umas aqui colocaram que muitos alunos e alunas não se sentem a vontade para trabalhar com a dança, se sentem acuados/as, com vergonha para executar tal prática, principalmente alunos/as do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) e alunos/as do Ensino Médio, e este é um fator que também pesa para professores/as escolherem se irão ensinar, ou não, a dança para seus/uas alunos/as. Dois professores e duas professoras falaram que é fácil e possível trabalhar a

dança com os/as alunos/as do Ensino Fundamental I, pois nesta idade os/as mesmos/as estão mais abertos/as e não se preocupam ainda com o que os outros irão falar sobre seu movimento ou sobre suas atitudes, eles/as querem mesmo é se movimentar, brincar.

Foi apresentado, ainda, pelos/as sujeitos/as desta pesquisa, que pode até ser possível trabalhar a dança com alunos e alunas do Ensino Fundamental II e com alunos e alunas do ensino médio, desde que estes tenham tido a dança desde pequenos/as nas aulas de Educação Física: [...] *as minhas turmas de 1ª a 4ª série do colégio, que estão acostumados comigo a trabalhar com a dança uma vez por semana, eu acho que quando eles chegarem na quinta série não vai ser um choque para eles trabalhar com a dança. Agora, com alunos que nunca tiveram dança ... querer trabalhar com eles a dança na quinta série, fica complicado* (Flávia) / *A falta de eles terem praticado a dança mais cedo. Eu acho que quanto mais cedo começa... daí eles não terão aquela vergonha de coisa de idade... Mas eu acredito que se a dança fosse passada desde o início, ela seria mais bem aceita pelos alunos* (Paula).

De fato, podemos considerar que os alunos e alunas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio podem apresentar certa resistência para trabalhar a dança nas aulas de Educação Física pela questão da vergonha, “coisa da idade”, como já foi colocado por Paula no parágrafo acima. No entanto, faço agora o questionamento: será que se algum aluno e/ou aluna se colocar contra a prática de algum esporte, o/a professor/a de Educação Física também deixará de trabalhar esse conteúdo com seus/uas alunos/as? Sobre este aspecto alguns/umas professores/as colocaram que o esporte se diferencia da dança por ser *muito forte e a dança, por mais que venha crescendo, que venha ganhando espaço na mídia* (Guilherme), ainda não é capaz de ser comparada com o esporte, pois *a dança vem sendo e o esporte já é* (idem). A professora Carolina também expressou seu pensamento sobre este aspecto, colocando que: [...] *a criança nasce nem sabe andar e já está chutando a bola para jogar futebol* [...]. No entanto, entendo que o fato de o esporte ser algo que a maioria das pessoas já conhece, não significa que todos/as irão gostar de tal prática; assim como podem existir pessoas que não se identificam ou que não gostam de dançar, também podem existir pessoas que não gostam de praticar esportes, mesmo assim, gostando ou não, em geral, os alunos e alunas são sujeitos à apreenderem tais esportes na escola. Sendo

assim, considero que o fato de o esporte ser algo que já faz parte da cultura brasileira, não é uma boa justificativa para sua predominância nas aulas de Educação Física.

Talvez seja possível considerar que o esporte por ser, de uma forma ou outra, já conhecido pela maioria dos/as alunos/as, se torna um conteúdo fácil de ser ensinado e apresentado à eles/as, e que isso pode facilitar o trabalho dos/as professores/as como nos afirmou Carolina: *No esporte as regras mudam, mas o livro de regras está disponível o tempo todo, agora eles não fazem um livro de coreografia, tu não aprende a ensinar uma coreografia para os alunos, entendeu? [...] ensinar um esporte, querendo ou não todo mundo já sabe, tem uma vivência dentro da área e isso é desde pequenino [...], então isso acontece e por essa vivência isso facilita. Aí tu só pega as regras, relembra alguma coisa ou outra e passa para os alunos, é mais tranquilo assim. É diferente de trabalhar ritmo, coordenação motora, e as coreografias. [...] Exige mais [...].* Pode parecer assim, que o/a professor/a de Educação Física está buscando sempre o caminho mais fácil para trabalhar com os/as alunos/as, no entanto, o caminho mais fácil pode não ser o mais correto ou o mais justo.

Por outro lado, outra participante deste estudo apresentou que: *[...] é diferente das modalidades esportivas que tu já vem fazendo, muitas vezes o professor de Educação Física é ex-atleta, então fica até mais fácil. Se você entra na faculdade e não sabe sobre os esportes você tem que batalhar para aprender. Então eu vejo assim, se eu vou dar aula de dança eu vou ter que pesquisar, vou ter que correr atrás, pedir ajuda para quem tem o conhecimento para que eu possa realizar as aulas de dança com os alunos* (Paula). Assim, podemos considerar que o/a professor/a deve estar sempre preocupado/a em buscar conhecer o que não sabe para poder ensinar aos alunos e alunas, mas não deixar de ensinar por ainda não saber sobre o assunto, como já foi mencionado neste trabalho quando estávamos tratando da importância da formação continuada.

Há ainda alguns/umas professores/as que colocaram que realmente pode parecer difícil trabalhar a dança com os/as alunos/as porque esses/as podem não estar acostumados com tal prática e assim irão apresentar certa resistência ao trabalhá-la, mas se o/a professor/a procurar despertar nos alunos e alunas o interesse pela dança, ele/a conseguirá sim fazer um bom trabalho, conforme reconheceu Antônio. Ele relatou, também: *Eu tenho uma turma, a 207, que tem um menino que gosta de dança e até se destaca na modalidade,*

aí eu encaminhei ele para o projeto de dança aqui da escola e ele já está fazendo hip hop. Entendo que seu papel deveria ser trabalhar a dança em suas aulas para que este aluno pudesse ter a oportunidade de praticar o que gosta dentro das aulas de Educação Física e não passar essa tarefa para outros profissionais. Ele poderia ter aproveitado esta situação para fazer despertar também em outros/as alunos/as da turma o interesse pela dança, pois, como nos afirmou a professora Paula, qualquer atividade diferente dos esportes que o/a professor/a tente colocar em suas aulas sofrerá resistência por parte de alguns alunos e alunas. Isto porque eles/as *estão acostumados a fazer sempre a mesma coisa*, conforme a fala de Antônio. No entanto, possivelmente, a partir do momento que o/a professor/a consegue fazer com que os alunos e alunas experimentem algo diferente, eles/as podem achar aquela prática interessante e passar a gostar dela.

Professores/as de Educação Física devem levar aos alunos e alunas algo novo, algo diferente, que possam experimentar, vivenciar, experienciar e, com isso, alastrar seus conhecimentos e possibilidades, pois

a prática docente deverá garantir que o conhecimento do corpo [...] seja revertido em instrumentos de conhecimentos e de possibilidades vivenciais ao sujeito-educando para que ele possa utilizá-los de forma adequada e autônoma no transcorrer de sua vida educacional e nas demais práticas sociais constituídas pela vertente da saúde, do esporte, dos jogos, das danças, do lazer e nas linguagens de movimento e expressão, entre outros (DAVID, 2002, p. 127).

Um/a professor/a de Matemática, de Português, de Ciências, de Geografia, enfim, não ficará o ano todo discutindo com os alunos e alunas o mesmo tema, o mesmo conteúdo, ele/a sabe que precisa ensinar aos/às alunos/as diferentes conteúdos no decorrer do ano. Por que, então, com a Educação Física, que também é uma disciplina como as outras, que faz parte da grade curricular das escolas, geralmente isso não acontece? Por que a Educação Física tem seu foco somente num único conteúdo, os esportes? Ela deve ser levada tão a sério quanto as outras disciplinas escolares e essa consideração deve partir, principalmente, dos/as professores/as de Educação Física, que não devem pensar na facilidade, quando estiverem planejando suas aulas, mas sim no novo, no diferente, nas outras formas de se movimentar que vão além dos esportes e que podem e devem ser apresentadas e ensinadas aos alunos e alunas.

Uma outra questão importante sobre o interesse dos/as alunos/as pelo conteúdo é apresentada por Guilherme ao mencionar que ter o apoio da escola também é um fator

importante para se conseguir iniciar e dar continuidade a qualquer conteúdo de aprendizagem diferente para os/as alunos/as, pois [...] *toda a situação que é nova, vai ter gente que vai gostar, mas também vai ter dentro da própria turma uma rejeição, então se o professor não tiver o amparo da própria escola e continuar insistindo e trabalhando nisso [...], não vai dar certo.*

A professora Carolina colocou ainda que encontra resistência por parte de alguns meninos para experimentarem a dança, o que a deixa também debilitada para desenvolver tal prática em suas aulas. Trata-se aqui dos estereótipos da dança, correntes do senso comum, tais como o de que a dança é feminina (é “coisa” de menina). Assim, podemos afirmar que algumas pessoas consideram que meninos não devem praticar a dança, porque em suas representações a mesma é uma prática que pertence exclusivamente às meninas: [...] *a gente tem muitos preconceitos também por parte dos meninos, que não querem saber de dançar [...]. Eles se sentem acuados, como se dança fosse coisa de veado (gay), como se dançando eles fossem mudar a opção sexual [...]* (Carolina).

Tais evidências também apareceram na pesquisa de Saraiva-Kunz (2003) e de Kleinubing (2009), embora de uma outra forma. Nestes estudos as autoras observaram que as meninas possuem mais intimidades com a dança e, por isso, “pode-se afirmar, com uma pequena margem de erro”, que experiências relacionadas a dança “são, predominantemente, incentivadas às meninas” (KLEINUBING, 2009, p. 30). “Outro elemento que dificulta a aceitação dessa atividade pelos meninos é o fato da dança estar diretamente e, talvez, primeiramente associada à referência do balé clássico” (idem, p. 31) e isso ocorre porque muitas pessoas ainda olham a dança apenas através do balé. No entanto, o balé não é a única forma de dança existente. Já no trabalho de Kleinubing e Saraiva (2009) esta questão apareceu como uma justificativa para os professores de Educação Física do sexo masculino que, por não se sentirem à vontade, com “jeito” para praticar a dança, deixam-na de fora de suas práticas pedagógicas.

3.2.3 Em que espaços podemos trabalhar a dança?

Como se não bastasse, ainda há a justificativa da pouca presença da dança nas aulas de Educação Física pela falta de espaço específico nas escolas para se realizá-la

(KLEINUBING e SARAIVA, 2009). É predominante, ainda, a ideia de que aulas de dança devem ser realizadas em salas próprias para dança, com espelhos, barras e pisos de madeira.

Em minha pesquisa, ainda na questão “O que é preciso para um/a professor/a trabalhar com a dança, enquanto conteúdo, nas aulas de educação física?” realizada aos/às entrevistados/s, duas professoras e quatro professores colocaram também, além da importância de se ter o conhecimento sobre o assunto, como já apresentado, a importância de se ter um espaço físico específico para dança: *Temos que ter condições de espaço para trabalhar a dança na escola. O que está faltando nas escolas para trabalhar a dança é o espaço* (Carlos). Eles/as acreditam que para trabalhar a dança é necessário uma sala de dança que possua, principalmente, um bom aparelho de som e espelhos. Alguns/umas até justificaram essa resposta: [...] *porque que eu acho que tem que ter um espaço específico, isolado e não pode ser na quadra? Porque eles ficam tímidos. [...] aqui como eu iria dar uma aula de dança na quadra com mais seis quadras ao redor e todo mundo olhando? Não dá. Então eu acho que é essa a importância da sala de dança. E também os espelhos para eles se verem, se observarem, se conhecerem [...] às vezes estamos num espaço super legal e o som não pega direito, o som não propaga* (Flávia).

Entre os oito participantes desta pesquisa, cinco deles/as colocaram que a escola em questão não tem espaço físico adequado e específico para trabalhar a dança e isso dificulta a presença da mesma em suas aulas. No entanto, Antônio afirma que a escola tem sim espaço específico para trabalhar a dança: *nós temos sim espaço na escola para isso. A sala de dança aqui do ginásio é ocupada nas segundas, quartas e sextas por um dos projetos da escola, mas nas terças e quintas essa sala fica livre, então, nesses dias poderíamos utilizar esse espaço. Nessa sala teríamos um espaço ideal para dar aula de dança*. Outros/as professores/as também citaram a existência de salas de dança na escola, mas, colocaram que essas salas de dança são pertencentes aos projetos de dança existentes na instituição há muitos anos.

Existem na escola dois projetos de dança que estão vinculados ao Departamento de Esportes da instituição. Cada projeto é coordenado por uma professora de Educação Física que são efetivas da escola, mas que não fazem parte da equipe de professores/as de Educação Física curricular, ou seja, elas não fazem parte do Departamento de Educação Física e sim do Departamento de esportes, que lá funcionam separadamente um do outro.

Os projetos se chamam: “Estúdio de dança”, que possui sua sala de dança fora do ginásio de esportes e trabalha, especificamente, com as danças balé clássico, dança de salão e jazz; e “Dança, educação, arte e cidadania”, que possui sua sala dentro do ginásio e trabalha com as danças jazz, contemporâneo, dança de rua e afro. Tais projetos são abertos tanto para alunos e alunas da escola como também para alunos e alunas da comunidade em geral.

Uma das salas mencionadas pode ser usada pelos/as professores/as de Educação Física em momentos em que o projeto não tenha aula, como já foi colocado por Antônio, mas a outra sala de dança não pode ser utilizada por ser exclusiva do outro projeto. Ainda há um professor que colocou outra dificuldade para a utilização da sala de dança que pode, em momentos determinados, ser utilizada pelos/as professores/as de Educação Física: *a sala de dança é muito aberta e lá funciona um projeto. Aí eu teria que colocar o som muito alto porque a sala é bem dentro do ginásio onde também tem aulas de esportes coletivos ao mesmo tempo e aí o teu som ia atrapalhar a aula de esportes. No outro lado tem outra sala de dança que é fora do ginásio, mas aí nós não podemos usar, é de um outro projeto onde há aula de balé* (Alberto). Com essa fala, parece que o professor superestima o esporte como foco nas aulas de Educação Física: Por que a aula de dança vai atrapalhar a aula de esportes? Por que não é a aula de esportes que vai atrapalhar a aula de dança?

A justificativa para a não presença da dança nas aulas de Educação Física devido a falta de espaço físico específico para desenvolvê-la, também foi apresentada na pesquisa de Saraiva et. al. (2007), uma pesquisa-ação realizada com trinta professores/as, que envolveu atividades práticas relacionadas à dança e concomitantemente críticas, reflexões e problematizações sobre os assuntos que iam surgindo. Porém, antes de iniciarem de fato este estudo, foi apresentada aos/às participantes da pesquisa as seguintes alternativas: realizar a investigação numa sala de dança ou em outro lugar. A opção dos/as participantes/as foi a sala de dança, um espaço adequado com equipamentos próprios para o ensino da dança. O fato é que numa escola nem sempre poderemos usufruir de um local assim. Desta forma, “entendemos que esta compreensão é fruto das relações que e as pessoas tem- em dança- com o espaço para sua realização, relações desenvolvidas no decorrer das experiências de vida” (SARAIVA, et al, 2007, p. 158).

Será que a dança não pode ser desenvolvida em outros espaços que não seja a sala de dança especificamente? Será que em locais como quadras, salas de aulas, refeitórios, não

podemos também realizar aulas de dança? Saraiva et. al (2005) propõem que sim, que quadras e bosques podem também ser possíveis cenários para a experimentação da dança.

Em minha pesquisa, apenas uma professora e o coordenador, apresentaram que uma aula de dança pode ser realizada em qualquer espaço: *Eu acho que em qualquer espaço podemos dar aula de dança. Não precisa de muitos equipamentos para dar aula de dança. A música eu acho que seria o principal, mas é possível dançar também cantando, sem o acompanhamento do som mecânico. O que acontece, as vezes, é que o aluno sente vergonha. Quando ele está num local onde ninguém está vendo, numa sala de dança, parece que ele se sente mais a vontade [...]. Mas isso são fatos, e eu acho que até na quadra seria possível dar aula de dança (Paula) / O espaço físico, eu acho que não é assim uma grande dificuldade, porque hoje até com celular se faz um baile em qualquer espaço. Eu não vejo assim, restrições nenhuma. As oportunidades hoje em dia são maiores, antigamente se tinha mais dificuldade, não se achava um som bom, muitos não tocavam CD. Hoje não, hoje a escola tem condições para fazer qualquer coisa. Muitos professores acabam não fazendo nada, mas que tem condições tem (coordenador).*

Assim, é possível considerar que a dança está presente na escola Instituto Estadual de Educação, mas não necessariamente nas aulas de Educação Física. Podemos pensar, inclusive, que o fato de os/as professores/as não se preocuparem muito com a presença da dança em suas aulas, pode estar ligada ao pressuposto de que, se os/as alunos/as quiserem ter aula de dança, eles/as tem a alternativa de procurar um dos projetos da escola. Desta forma, tirariam de si a responsabilidade de apresentar e ensinar aos/às alunos/as também a dança como uma outra forma de contribuição para a formação humana destes/as.

O fato é que esta escola está oferecendo aos/às professores/as espaços possíveis para a dança, não só por causa da sala de dança, mas também pelos outros espaços da Educação Física como ginásios, quadras, enfim. Esta instituição apresenta-se como uma escola exemplo em relação a espaço físico possível para as aulas de Educação Física, como afirmado pela professora Carolina: *O Instituto porque é um colégio exemplo, a infraestrutura que ele tem lá é melhor do que qualquer outro tipo de escola particular, mas não é uma escola exemplo, é um exemplo, mas é só de estrutura física.* Sendo assim, por que a dança ainda não está tão presente nas aulas desses/as professores/as?

Na maioria das escolas, sabemos que não há uma sala de dança com espelhos, com pisos de madeiras, assim como pode nem haver quadras e ginásios em boas condições, no entanto, isto não pode ser motivo para a inexistência de “experiências de movimentos e de criação” (SARAIVA et al, 2007), que a dança pode proporcionar nas aulas de Educação Física, e que alunos e alunas tem direito de conhecer e vivenciar enquanto fizerem parte do mundo escolar (idem). Assim, devemos então, procurar levar a dança “para outros espaços e construir relações não submissas, mas autônomas com os espaços tradicionais já existentes” (SARAIVA et al, 2005, p. 128).

3.3. O QUE DANÇAR NA ESCOLA?

Já sabemos que todos os/as professores/as participantes desta pesquisa colocaram a dança como um conteúdo possível para ser trabalhado nas aulas de Educação Física, mas como será que eles/as consideram que a dança deve ser ensinada neste contexto? Para analisar este aspecto foi realizada a seguinte pergunta: “Qual é, ou qual deveria ser, o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física? Como deve ser ensinado?”

Como respostas, quatro professores e duas professoras colocaram que podemos trabalhar o histórico da dança e para o Coordenador este conteúdo é algo que deve ser trabalhado não somente na dança, mas em qualquer outra prática que esteja sendo trabalhada com os/as alunos/as, pois para ele é importante que o/a aluno/a saiba de onde veio aquela prática, aquela forma de se movimentar. Este ainda afirma: *O que a gente quer é estar construindo o lado cultural com o aluno em relação a modalidade que está sendo trabalhada, fazer até um paralelo com outros países, outros países que também desenvolvem aquela modalidade, aquela cultura [...].*

Segundo Marques (1997) as questões históricas da dança, de fato são conteúdos possíveis quando abordamos a dança em aulas de Educação Física. A autora nos apresenta, entre três grupos de conteúdos da dança, um grupo de conteúdos por ela denominado “contextos da dança”, onde há abordagem de conhecimentos ligados a elementos históricos, culturais e sociais da dança – como história, estética, apreciação e crítica, sociologia e antropologia. Outros três participantes do presente estudo disseram que há, também, a

possibilidade de trabalhar diferentes gêneros e estilos² de dança. Sobre este aspecto Fiamoncini e Saraiva (2003) nos apresentam alguns conteúdos a serem trabalhados na dança e dentre eles, citam as **danças folclóricas e culturas nativas**, onde são abordadas “danças regionais e tradicionais do Brasil e de outros povos, como danças gaúchas, capoeira, maculelê, quadrilha, etc” (p. 104) e **danças de salão e de espetáculo**, tratando-se aqui de danças como tango, jazz, moderno e street. Assim, podemos considerar que diferentes estilos e gêneros de dança também podem ser mais um conteúdo a ser tratado sobre a dança nas aulas de Educação Física. Inclusive, é possível perceber que podemos até trabalhar questões de interdisciplinaridade quando estivermos, por exemplo, tratando de danças folclóricas e culturas nativas, onde, abordando questões históricas de tais danças (já colocado anteriormente também como um conteúdo possível), podemos fazer uma ponte com os conteúdos trabalhados na disciplina de história, onde poderá estar sendo abordado o mesmo conteúdo. Por exemplo, as danças folclóricas regionais podem ser trabalhadas em projeto integrado ao ensino do processo de colonização brasileira, entre as duas disciplinas, educação física e história. Nisso, outras disciplinas poderiam participar, com seus respectivos conteúdos, como a Língua Portuguesa, elaborando textos sobre a colonização, a cultura regional e sobre as danças da época.

Há ainda um professor e uma professora que colocaram a possibilidade de trabalharmos a dança com coreografias e aqui eles/as sugerem a organização de festivais de dança entre diferentes escolas ou entre as diferentes turmas da mesma escola, oportunizando assim, uma competição: [...] *fazer festivais de dança. Fazer com que haja disputa entre as escolas. Incentivar isso* (Carlos). Talvez levar a dança para o lado competitivo pode não ser um caminho muito educativo, pois com a competição pode-se propiciar um mundo de desavenças e rivalidades e não de novas descobertas e novas experiências, que podem ser proporcionados com e por meio da dança, além disso, experiências relacionadas a competição já são apresentadas aos alunos e alunas através do

² Gêneros de dança aqui seriam o que se refere à natureza/contexto de manifestações da dança. Assim, como exemplos de gênero de dança, pode-se citar as danças teatrais ou de espetáculo, danças nativas, sagradas (rituais, religiosas, místicas), populares, folclóricas, enfim. Estilos de dança seriam as variações dentro dos gêneros de dança, por exemplo, dentro do gênero Teatral ou de espetáculo temos o estilo balé clássico, jazz, contemporâneo, etc, e dentro destes estilos pode haver outros estilos ainda, como é o caso da dança de salão, que possui outros estilos como o samba, o tango, a valsa, etc. É importante colocar que alguns estilos podem pertencer a mais de um gênero, como é o caso das danças de salão que podem ser tanto danças teatrais e de espetáculo como também danças populares.

esporte e agora o objetivo é levar aos/as mesmos/as o conhecimento de novas vivências e sensações.

Segundo Pacheco (1999) a dança engloba muitos sentidos, que vão além do aprender uma coreografia ou decorar e executar uma sequência de movimentos; a dança comporta valores culturais, sociais e pessoais, que estão situados historicamente, e ignorar questões como essas, pode fazer da dança uma repetição mecânica dos gestos e movimentos. Sem dúvida, devemos tratar a dança como arte e não somente como movimento, pois essa seria sua especificidade, já que “as artes, [...], se utilizam da imaginação e da criatividade como meios para vivenciar, participar, expressar, comunicar e transformar uma dada realidade” (FIAMONCINI e SARAIVA, 2003, p. 98). No entanto, se considerarmos que a dança se resume em movimentos mecânicos e repetitivos, então, não estaremos falando de dança, mas sim apenas de simples movimentações executadas sem sentido ou significado. Como já foi citado no início deste trabalho, ao se tratar do significado da dança, dançar significa expressar sentimentos que podem até não ser próprios de quem dança, mas uma representação de sentimentos evocados. Dançar significa expressar aquilo que não foi possível dizer através de palavras ou pinturas. Assim, tratar a dança nas aulas de Educação Física deve significar possibilitar aos alunos e alunas movimentos e experiências outras que não sejam somente aquelas já tão presentes na cultura corporal de movimentos (os esportes, por exemplo), mas sim outras práticas “que lhes possibilitem um diálogo com seus corpos, com seus sentimentos e emoções” (KLEINUBING, 2009, p.37).

Alguns/umas professores/as ainda colocaram a dança como utilitária, ou seja, afirmaram que os conteúdos da dança estão relacionados ao desenvolvimento do ritmo, da coordenação motora, da noção espacial, do condicionamento físico, do alongamento, da resistência e fortalecimento muscular, enfim. Colocaram a dança como um meio, como um auxílio para o desenvolvimento de habilidades físicas, e não como um fim, como foi colocado pelo Coordenador: *qualquer conteúdo de qualquer habilidade física pode ser desenvolvido na dança*. Esses aspectos foram evidentes também na pesquisa de Saraiva et al (2007), na qual foi possível perceber, por meio das falas dos/as participantes, que a justificativa para a presença da dança na escola estava sempre relacionada com um motivo externo à ela, ou seja, a dança como uma forma de acabar com a violência, como uma

forma de trabalhar a socialização entre as crianças e também a dança como facilitadora de outros conhecimentos. De fato, a dança pode sim contribuir para o desenvolvimento do ritmo, da socialização, da coordenação motora, enfim, mas o que não podemos é considerar que a dança na escola servirá somente para isso, que seus conteúdos tem fim no alcance desses objetivos. Se considerarmos somente estes aspectos como conteúdos possíveis da dança, então, estaremos considerando mais uma vez, que dança é somente movimento.

Pensando na importância da reflexão sobre o “quê” estamos praticando, Carolina trouxe uma contribuição. Ela colocou que devemos exercitar também com os alunos e alunas a reflexão sobre os estereótipos de gênero e as significações da dança. Em relação às significações da dança ela citou a importância de apresentar aos/as alunos/as *para que serve a dança e porque é importante dançar*; já referente aos estereótipos de gênero ela falou sobre a resistência de alguns meninos à praticar a dança. De fato, acredito que esses elementos podem ser levados às aulas, e considero importante tal acontecimento, pois a escola deve ser um lugar onde haja a transformação do conhecimento e não a simples reprodução do mesmo e o/a professor/a então deve ser o/a mediador/a para tal transformação. “Nesse sentido, a identidade do professor seria não a de um técnico reproduzidor de conhecimentos acumulados, mas um educador com a capacidade de produzir conhecimentos através de sua práxis educativa na perspectiva de intervenção no coletivo social” (DAVID, 2002, p. 121/122). Além disso, uma aula de Educação Física não deve estar somente ligada ao movimento, à prática pela prática, pelo contrário, devemos refletir com os/as alunos/as também sobre a prática que está sendo realizada; devemos procurar problematizar qualquer prática corporal a ser trabalhada, para evidenciar “o que ela é” e pensar sobre “o que ela poderia ser” (KUNZ, 2009).

Sendo assim, a abordagem de tais questões citadas pela professora Carolina estaria contemplada pela concepção de ensino da Educação Física denominada Crítico-Emancipatória, conforme Kunz (2009), que tem como objetivo formar sujeitos críticos e autônomos para que possam transformar o meio em que vivem. Para Kunz (idem)

o aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua vida social, cultural e esportiva, o que significa não apenas a aquisição de uma capacidade funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (p. 31).

Tal concepção está fundamentada no desenvolvimento de três competências: **Objetiva**, que pretende desenvolver a autonomia dos/as alunos/as por meio da técnica; **Social**, relacionada aos conhecimentos e esclarecimentos que os/as alunos/as devem adquirir para compreender o próprio contexto sócio-cultural; e **Comunicativa**, que assume um processo reflexivo responsável por levar ao pensamento crítico, e ocorre através da linguagem, que pode ser verbal, escrita e/ou corporal e isso deve ser então desenvolvido, pois não é algo dado ou natural do ser (KUNZ, 2009). Assim, podemos considerar que colocar aos/às alunos/as o sentido e os significados da dança, deve significar, além de proporcionar a eles/as os momentos de prática com tal conteúdo, também momentos de discussão sobre a mesma para que possam expressar suas críticas e reflexões sobre aquilo que puderam sentir e experimentar enquanto dançavam. Como já foi colocado anteriormente, este talvez não seja um acontecimento imediato ou uma tarefa fácil, mas sim algo que deve ser desenvolvido com os/as alunos/as ao longo do tempo, fazendo com que estes/as reflitam sobre a realidade daquela prática nos dias atuais e em tempos passados, sendo que a partir daí conseguirão então transformar a realidade.

Em relação aos estereótipos da dança, Carolina apresentou que muitos meninos não querem participar da aula de dança porque acham que dançar é uma atividade feminina. Sobre esta questão já abordei neste trabalho, porém agora, acho necessário abordar a proposta de Fiamoncini e Saraiva (2003) que nos trazem a possibilidade de tentar resolver esta situação, através de aulas co-educativas. As autoras nos colocam a “co-educação como uma prática conjunta de meninas e meninos, que propicia as mesmas vivências para ambos, na aula de Educação Física” (p. 97), o que serve para a aula de dança. Conforme as autoras,

essa prática está fundamentada, [...], na compreensão de que os movimentos não têm sexo, e de que a discriminação tradicional de movimentos para homens e mulheres é construída no processo de socialização das pessoas, sendo, portanto, atrelada a visões-valores culturais. Sendo assim, deve ser entendido no processo educacional que as formas como os seres humanos agem não estão desde e para sempre estabelecidas, mas sim, que são mutáveis, problematizando-se, então, a que serve a Educação Física (idem, p. 97).

Para trabalhar a co-educação em dança, Fiamoncini e Saraiva (2003) nos citam a **Improvisação** como um conteúdo possível da dança nas aulas de Educação Física e este é colocado por elas como um terceiro possível grupo de conteúdos denominado pelas mesmas **técnicas corporais básicas e de criatividade**, onde são trabalhadas as mais variadas formas de movimento, com o foco na elaboração de técnicas de expressão

próprias. De fato, no presente estudo uma professora também trouxe a possibilidade de trabalharmos a dança a partir desta perspectiva: *Eu já trabalhei com improvisações para trabalhar bem a criatividade [...] (Flávia)*. Com a Improvisação temos a possibilidade de criar movimentos não treinados, mas sim espontâneos, que carregam sentido “atribuído pela pessoa que executa o movimento e a forma não está necessariamente pronta” (SARAIVA et al, 2009, p. 147). Com essa proposta há a possibilidade de uma maior inclusão de meninos nas aulas de dança, pois na Improvisação atribuem-se tarefas de movimento e não exercícios a serem copiados; assim, estaremos “desestereotipando” as formas de movimento e com este instrumento de ensino não há formas de movimentos estereotipados a serem copiadas; não há movimentos que podem ser colocados como sendo deste ou daquele sexo (idem), mas sim uma prática que faz parte da cultura corporal de movimentos e que está livre para ser realizado por qualquer corpo, seja ele de homem ou de mulher. A dança-improvisação poderá proporcionar aos/as alunos/as um meio de se conhecer, de descobrir em si novas formas de se movimentar, pois com ela não executamos movimentos impostos, mas sim experimentamos movimentos a serem descobertos a partir do nosso próprio histórico de movimento.

É importante colocar aqui, que estudos relacionados a dança-improvisação é um assunto que foi trabalhado pelas autoras acima citadas por um bom tempo e nesses, foi-se legitimando a metodologia da dança-improvisação como um processo “metodológico e um conteúdo que permitem a re-significação da dança” (SARAIVA et al, 2009, p. 145) também no ensino escolar. Sendo assim, já detectando que é possível trabalhar a dança por esta proposta, sugiro que a dança-improvisação pode ser um meio mais adequado de incluir a dança nas aulas de Educação Física, além de que “nessa proposta o/a professor/a não precisa ser um/a bailarino/a, pois cabe a ele/a mediar os diálogos e orientar as tarefas de movimento” (KLEINUBING e SARAIVA, 2009, p. 210).

Assim sendo, pode-se colocar que há muitas formas e conteúdos da dança que podem estar nas aulas de Educação Física, como o/s histórico/s da/s dança/s, os diferentes estilos e gêneros da dança, coreografias e a dança-improvisação. O que não podemos esquecer é que a escola deve ser um espaço para a re-significação de conceitos e de conhecimentos e, como professores/as, não devemos apenas transmitir conhecimentos, mas sim problematizá-los para que a partir daí ocorra a transformação dos mesmos. Devemos

nos preocupar com a formação de sujeitos críticos e reflexivos que pensem sobre tudo que os cercam e que possam também expressar suas vontades e ideias.

3.4. O QUE FAZER COM A DANÇA NA ESCOLA?

O fato de considerar a dança um conteúdo importante a ser trabalhado nas aulas de Educação Física não está relacionado apenas a justificativa das diferentes formas de se movimentar que o/a professor/a de Educação Física deve apresentar aos seus alunos e alunas, mas sim por considerar que a dança pode também contribuir muito para a formação humana de alunos e alunas.

Nesta pesquisa, os/as participantes/s foram questionados sobre os tipos de conhecimentos que uma aula de dança pode proporcionar aos/às alunos/as e teve como respostas predominantes os aspectos relacionados à socialização e ao desenvolvimento de habilidades físicas e motoras. Em relação aos aspectos sociais, esses/as professores/as e coordenação consideram que na dança podemos trabalhar a relação com o outro, a integração social (Guilherme), a interação entre alunos e alunas. Um professor em especial ainda colocou que com a dança o aluno vai deixar de ser tímido, pois ele considera que é preciso ser desinibido para poder dançar (Antônio). Já em relação ao desenvolvimento de aspectos físicos e motores, esses/as participantes acreditam que a dança pode proporcionar o desenvolvimento do ritmo, da coordenação motora, de habilidades físicas em geral: [...], *o ritmo, alguns tipos de dança podem melhorar a coordenação, o equilíbrio...* (Alberto)/ *Desde o condicionamento físico, alongamento, resistência física, o fortalecimento muscular. [...]. Então, eu vejo assim, toda e qualquer valência física que possa ser trabalhada em qualquer uma das modalidades pode ser trabalhada na dança também* (coordenador). Essas evidências já foram citadas no tópico anterior deste trabalho, onde foi discutido sobre os conteúdos que podem ser trabalhados em dança.

A perspectiva da dança como utilitária, que aparece nas falas de alguns/umas professores/as, ao mencionarem como conteúdos da dança o desenvolvimento de habilidades físicas, é recorrente nas pesquisas sobre o tema na área. Kleinubing e Saraiva (2009), por exemplo, ao investigarem as possíveis contribuições do trabalho com a dança

para o processo educativo, também apresentaram evidências como “a dança como instrumento para o processo de socialização e como facilitadora do desenvolvimento motor” (p. 205). Assim, pode-se observar que a dança não é vista como algo que tenha valor por si só; parece que esses/as professores e professoras não conseguem reconhecer “um valor intrínseco da dança, como que, se não houver um motivo externo à sua prática e conhecimento, ela não seria importante na escola” (SARAIVA et al, 2007, p. 155) e, mais especificamente, nas aulas de Educação Física. A dança, desta forma, acaba estando sempre relacionada ao desenvolvimento de qualidades físicas que na verdade podem também ser supridas por qualquer outra prática.

Essas evidências representam as formas utilitárias frequentemente atribuídas à dança e usadas como justificativas para defender sua presença em qualquer programa/currículo. Ainda é difícil entendê-la como uma forma de expressão, ou como outra forma de experimentar e falar das coisas que fazem parte do nosso mundo. Embasados por uma formação tecnicista, os professores tem percebido com mais facilidade as habilidades físicas e capacidades motoras na dança, do que o seu potencial expressivo e comunicativo. Perceber o movimento de dança como forma de potencializar ou render mais em uma ou diversas habilidades motoras é uma maneira reduzida de compreender esse conteúdo, bem como a própria educação física (KLEINUBING e SARAIVA, 2009, p. 206).

Uma professora e um professor, entre os/as entrevistados/as, chamam a atenção para o conhecimento corporal que a dança pode proporcionar com sua prática, afirmando que a dança permite o *se conhecer, se permitir* (Flávia), e que através da dança *é possível um conhecimento corporal talvez um pouco mais apurado* (Guilherme). Assim, mesmo sem “negar características intrínsecas do movimento em dança (flexibilidade, coordenação, orientação espaço-temporal, etc) que devem ser trabalhadas como meios para a possibilidade de expressão” (KLEINUBING e SARAIVA, 2009, p. 206), acredito que o objetivo principal da dança é “proporcionar a experiência do corpo em movimento, voltada para o exercício da criação e colaborando para o conhecimento de si” (ibid.). Porém, também é importante acrescentar que a dança será vista e compreendida desta forma se ela de fato for colocada com este propósito, pois se apresentarmos e ensinarmos a dança para os/as alunos/as apenas como movimentos repetitivos, copiados, aí não teremos essa visão da dança, ou melhor, essa visão artística da dança.

Já nos trazem Fiamoncini e Saraiva (2003) que “as artes, de forma geral, se utilizam da imaginação e da criatividade como meios de vivenciar, participar, expressar, comunicar e transformar uma dada realidade”. Sendo assim, pensar a dança como arte significa, então,

acreditar que ela “possibilita o desenvolvimento do aluno e da aluna como seres criativos e autônomos” (idem, p. 99), que procurem buscar a partir das vivências e das experiências com a dança sua própria visão sobre ela procurando refletir de forma crítica a respeito da mesma. Assim, procurei aqui trazer a compreensão de dança como uma prática estética que possibilita a “materialização da sensibilidade humana” e ampliação da “capacidade expressiva”, a dança como prática educativa, que “promove o desenvolvimento do espírito crítico na compreensão das culturas de movimento” (SARAIVA et al, 2007, p. 148). Pensar na dança como uma educação estética aqui, significa provocar nos/as alunos/as o esclarecimento de si e do mundo e compreender o “outro” em si e no mundo, conforme coloca Saraiva-Kunz (2003).

Uma das formas que pode possibilitar o trabalho com a dança para esse sentido é a dança-improvisação, como já dito. Com a dança-improvisação, não há movimentos treinados, copiados, mas sim movimentos que são espontâneos, criados a partir da cultura de movimentos de cada um. Trata-se de uma criação momentânea e por isso nem sempre é possível reproduzi-la. Sendo assim, a principal característica da dança-improvisação é o trabalho com a criatividade, pois com ela há a espontaneidade e a imaginação, onde “o /a praticante aprende formas de movimentos através da sua experimentação e vivências, podendo desenvolver, assim, iniciativa própria e independência (SARAIVA-KUNZ, 2003, p. 383)”. No entanto, não podemos afirmar que a criatividade é o único foco da dança-improvisação, pois para a apropriação de “ferramentas” para criação iremos nos basear no campo pragmático, onde se desenvolve a sensibilização e conscientização do corpo; a elaboração e correção da postura; a diferenciação da motricidade e elaboração de um repertório de dança (HASELBACH, 1988). Assim,

As experiências direcionadas para esses campos, procuram, por exemplo, o desenvolvimento da consciência do ser- em movimento (sensibilização dos sentidos), como possibilidade para a variação dos movimentos – eu não dobro o meu braço, se eu não sei se ele está estendido –, para a percepção da ação desenvolvida por cada parte do corpo e da articulação pretendida. É nesse âmbito que a experiência precede a reflexão, situando-se diretamente o fenômeno, que é relação essencial entre a consciência e o movimento sentido (Sheets-Johnstone, 1966). Apreende-se aí as diferentes funções dos músculos; a diferenciação da articulação de tensão no corpo, do peso do movimento e do deslocamento desse peso de um segmento para outro (SARAIVA-KUNZ, 2003, p. 384).

A partir daí, pode-se considerar que há uma predominância no desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da comunicação e da expressão, pois enquanto vivencia a

dança-improvisação a pessoa aprende a se colocar sensível em relação ao seu corpo, às suas sensações e também ao corpo do outro e assim ambos se comunicam e se expressam. Assim, é possível perceber que a dança estará contribuindo para um auto-conhecimento, para um *se conhecer* como nos trouxe Flávia anteriormente e também nos coloca a possibilidade de ouvir e ver o outro trazendo assim a tarefa de aceitarmos, respeitarmos e valorizarmos o outro como ele é, vendo em seus movimentos e em sua forma de expressão não algo “feio” ou “estranho”, mas algo próprio e característico que tem a sua beleza e que não pode ser comparado a nada por lhe ser legítimo. Neste sentido, pode-se considerar, que a dança, no âmbito educativo e inserida nas aulas de Educação Física, é de suma importância e poderá então ensinar tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras. Certamente, esta não é a única forma de se trabalhar a dança neste contexto, mas essa é uma das formas que pode contribuir para a perspectiva de dança como processo educativo.

3.5. A ESCOLA E A DANÇA: sem reconhecimento não há ação pedagógica!

Alguns/umas professores/as colocaram que no planejamento anual da escola em relação a Educação Física, constam apenas o esporte como conteúdos. Perguntei então a eles/as quem participou desta construção. Eles/as explicaram que este planejamento é sempre realizado no início do ano com os/as professores/as efetivos/as da escola e com a coordenação do Departamento de Educação Física. Os/as professores/as substitutos, que são maioria na escola, não participaram dessa construção porque neste período de planejamento eles/as ainda não estavam contratados, como nos afirmou Paula: *Assim, nós nos reunimos no início do ano. Na verdade eu não peguei essa parte, porque eu sou ACT, então quando eu cheguei já estava pronto o planejamento.*

Diante desta realidade, perguntei então aos professores e professoras: “Mesmo tendo este planejamento que não inclui a dança como um conteúdo sistematizado, é possível trabalhar a dança em seus planejamentos por conta própria? A escola permite isso? Ela dá esta liberdade aos/às professores/as?” A professora Carolina então argumentou: *O calendário é muito apertadinho, até porque tem feriados e aí emenda tudo. Então a gente perde muito tempo com essas emendas de feriados. Para tu teres uma ideia esse ano a*

gente não vai nem fazer jogos. Jogos de uma semana em comemoração ao aniversário do Instituto. Eles não liberaram as crianças nem uma semana para participar dos jogos. Então, tu imagina... Para a gente ensinar dança para eles que fácil que não é, né? Para liberar para gente fazer jogos inter-séries, para fazer toda aquela integração, todo mundo ali junto participando, em função do aniversário do Instituto, a direção não autorizou. Então é bravo, [...], mas eu acho mais complicado ainda tu entrar nessa área (dança). Por outro lado, Flávia colocou: Pode. Eu posso fazer isso. [...], só que teria que dar junto com os outros elementos do planejamento anual. Por exemplo, assim, esse semestre vai ser vôlei, então eu poderia dar dança quando eu tivesse a sala de dança e quando eu não tivesse a quadra de vôlei para trabalhar. Mas eu não poderia deixar de dar o conteúdo do planejamento para dar dança, porque isso também implicaria no seguinte: eu dei uma nota baixa para um aluno, por exemplo, aí a escola “vai em mim” e vai dizer: como a professora deu uma nota baixa para o aluno se ela não está nem ao menos cumprindo o conteúdo escolar? É claro que isso também vai depender da escola. [...], aqui eles já tem um planejamento fechado.

Desta forma, entende-se que até pode ser possível trabalhar a dança nas aulas de Educação Física nessa instituição, mesmo ela não fazendo parte do planejamento anual como um conteúdo sistematizado. É certo que podem existir algumas dificuldades para isso, como o calendário escolar “apertadinho”, mas entende-se que ainda assim, partindo do interesse do/a professor/a e de seu entendimento de dança como uma outra possibilidade de contribuição para a formação humana dos alunos e alunas, pode ser possível ter a dança na Educação Física, nessa escola. Mas, ela ainda continua sendo marginalizada neste contexto e parece que isso acontece porque o foco da Educação Física na instituição ainda é o esporte e isso pôde ser detectado a partir da fala de Carolina, quando afirmou que a escola não deu espaço nem para que pudesse ser realizado os jogos inter-séries, imagina para trabalhar a dança. Isso pode dar a entender que o esporte passa a ser, talvez, o único conteúdo possível da Educação Física, fazendo afastar deste contexto outras práticas corporais como a dança que, assim, continua fora das aulas como um conteúdo sistematizado. Os/as próprios/as professores/as reconhecem que isso ocorre por falta de interesse deles/as mesmos/as, além disso, colocaram que, geralmente, irá trabalhar a dança o/a professor/a que tiver afinidades com esta prática: *Tem professor que trabalha e gosta de*

dança, então eu tenho certeza que ele vai dar dança nas aulas dele, porque ele tem esse conhecimento. [...]. Sempre tem aquilo que tu sabe mais, que tu tem mais conhecimento. Assim, [...], não se vê a prática do atletismo quase nas aulas de Educação Física, mas ele está dentro do planejamento. Então vai do professor mesmo. [...]. Mas esse interesse vem pelas tuas vivências também. A gente fica meio estacionado, pela falta de conhecimento (Paula).

Sobre esta questão já abordei neste trabalho, quando tratava do conhecimento e da formação do/a professor/a de Educação Física e lá citei que a falta de interesse e/ou de conhecimento do/a professor/a não deve ser um empecilho para que o/a aluno/a não tenha a dança como um conteúdo na Educação Física, pois considero, assim como Kleinubing e Saraiva (2009), que “alguns professores e professoras não devem sobrepor uma atitude pessoal negativa às possibilidades de um coletivo” (p. 200).

Essas situações remetem a fala do professor Guilherme, mencionada anteriormente, que sugeria que para trabalhar a dança é preciso também ter o apoio da escola, pois tendo a resistência por parte de alguns alunos e /ou alunas isso já seria uma barreira para o/a professor/a continuar insistindo com este conteúdo em suas aulas e se neste caso se o/a professor/a também não tiver o apoio da escola para continuar com seu trabalho, então tudo fica ainda mais difícil. A escola, de fato, precisa estar caminhando junto com os/as professores/as. Toda a comunidade escolar (professores/as, direção, supervisão, coordenação, funcionários/as, família) é responsável e influencia direta ou indiretamente na educação/formação de nossas alunas e alunos, tal como retrata Veiga (1995) em seu texto “Projeto Político pedagógico da escola: uma construção coletiva”, sobre a importância do trabalho conjunto entre pais, educadores/as, funcionários/as para colocar em prática aquilo que está no papel.

Trazendo estas reflexões para as aulas de Educação Física, trago Saraiva et al (2009), quando afirmam que é possível perceber, na prática pedagógica, que há influência da família na educação de nossos alunos e alunas e também na escolha dos conteúdos da Educação Física. As autoras mencionam que existem “situações de pais e mães proibindo seus filhos de participarem de brincadeiras cantadas e de dançar, por questões religiosas” (p. 156), assim como manifestações do preconceito com a própria aula de educação física, entendida por alguns como “aula de física é aula de correr e brincar” (ibid.).

Nas entrevistas que realizei, uma das professoras trouxe uma situação que pode retratar outro reducionismo das possibilidades de aprendizagem de movimento na Educação Física: [...] *já aconteceu de mãe assistir a minha aula de dança com os pequenos e tirar o filho dizendo que aquilo ali não era aula de Educação Física. Por que? Porque ela queria que o filho dela jogasse futebol, [...]* (Flávia). Mais uma vez nos deparamos com uma visão de Educação Física focada no esporte, como se o/a professor/a de Educação Física tivesse a obrigação de ensinar aos/às alunos/as apenas sobre modalidades esportivas. Tendo a mãe este entendimento de Educação Física, o/a filho/a pode crescer também com este entendimento e quando o/a professor/a procurar propor outras experiências de movimento a ele/a, este/a poderá apresentar uma certa resistência, e porque não, acabará pedindo ao/a professor/a uma aula de futebol.

É possível considerar que a escola e a família constituem-se como fortes influências na educação de alunos e alunas, mas é preciso refletir sobre os desafios que a família e a escola sofrem na contemporaneidade:

Porém, tanto a família como a escola sofreram transformações, e a existência de conflitos e tensões entre elas, se faz cada vez mais forte. Se por um lado, a família passou à escola o desafio de abarcar ainda mais a continuidade da educação familiar, por outro, nem a escola, nem a Educação Física estão conseguindo dar conta de toda essa responsabilidade (SARAIVA et al, 2009, p.156)

Para o coordenador, de fato, a Educação Física está passando por conflitos, conflitos estes que estão na verdade relacionados ao papel do/a professor/a de Educação Física, a importância que este/a e que a própria escola dá a sua profissão. Segundo ele, o/a professor/a de Educação Física deixou seu espaço se perder quando simplesmente passou a jogar a bola para os/as alunos/as, e assim *ele está jogando a profissão dele fora*. Para este, *o maior problema da Educação Física hoje é a falta de objetivo, [...]. Hoje se começa o ano sem saber o que vai trabalhar* e isso na sua opinião não é uma culpa somente do/a professor/a, mas também da escola e para exemplificar esta situação cita um acontecimento da própria instituição: *Todos os anos na escola nós fazemos com os alunos os jogos, pois nesse ano o diretor teve a coragem de dizer para nós aqui do Departamento de Educação Física que não teria seis dias para perder com a Educação Física*. Assim, podemos observar que a Educação Física como um todo parece estar marginalizada nesta instituição e a coordenação nos coloca ainda um problema maior: [...]. *Hoje os dirigentes têm uma grande preocupação que é cumprir os 200 dias letivos. [...]* *O que não pode é colocar a*

burocracia acima dos objetivos da escola. Um outro problema que nós temos aqui no Departamento é que antes nós tínhamos um chefe de Departamento, que era a pessoa responsável para cobrar dos professores a aplicação do que fosse planejado e cobrado isso nas avaliações. Como hoje nós não temos chefe e sim somente um representante, o representante faz o que ele quer, na hora que ele quer, ele não tem obrigação nenhuma e fica por isso. A questão é que a estrutura foi desmontada. As coisas estão no papel, mas também ninguém cobra. Nós estamos com uma questão séria aqui na escola que é a questão da orientação e supervisão educacional: não existe mais também. E a supervisão e orientação são pessoas responsáveis em acompanhar o desenvolvimento do planejamento dentro da escola. A escola como um todo está abandonada. O professor faz a parte dele, não dá satisfação para ninguém. O coordenador cuida somente da questão burocrática, do espaço (quadra, ginásios), das faltas dos professores. Então assim, a questão do planejamento morreu, não tem mais como cobrar se o professor está realmente executando o que foi planejado, não existe mais uma avaliação de tudo isso. Antes fazíamos as coisas pelos alunos, mas hoje em dia nem isso mais acontece.

Toda essa fala, e porque não, este desabafo do coordenador, traz a reflexão sobre o objetivo real desta escola enquanto instituição também responsável pela formação de cidadãos e cidadãs, pela formação de mulheres e homens. Afinal, esta escola está preocupada em cumprir conteúdos ou em formar pessoas capazes de enfrentar as dificuldades da vida? O que vai enriquecer a vida desses alunos e alunas, o cumprimento dos 200 dias letivos, o cumprimento do planejamento escolar ou o ensino dos conteúdos com qualidade e não em quantidade? Será que o planejamento escolar não pode ser modificado conforme as possibilidades e limitações dos alunos e alunas durante o ano, durante o processo de ensino-aprendizagem? Afinal, o que é mais importante, cumprir as burocracias ou educar de verdade? O/a professor/a precisa mesmo ser cobrado pela escola para fazer seu papel e cumprir com sua ética?

Com base nessas colocações, talvez seja considerar que a escola em questão está centrada numa relação de poderes políticos, perdeu-se aí o compromisso com a educação de alunos e alunas. Os interesses políticos parecem estar acima dos interesses educacionais. No entanto, “a escola não tem mais possibilidade de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita as normas e exerce o controle técnico burocrático. A luta da

escola é para a descentralização em busca de sua autonomia e qualidade (VEIGA, 1995, p. 15)”. Somente a escola irá saber quais são as dificuldades e as possibilidades de sua comunidade (alunos/as, pais, funcionários/as, professores/as...) e por isso, somente ela é capaz de discernir o que é bom ou ruim para o devido cumprimento dos papéis de cada pessoa que faz parte desta relação. Por este motivo, a escola deve buscar sua autonomia e procurar se desprender de interesses políticos e burocráticos. Se a escola está preocupada com a boa educação que dará a seus alunos e alunas, ela não deve se preocupar com interesses pessoais e sim com interesses coletivos. Os dirigentes, professoras e professores, família, funcionários/as, devem caminhar juntos, possuir um mesmo ideal de educação. Assim, o/a professor/a não precisará de ninguém que o cobre para que seu trabalho seja realizado, que busque fazer com que ele/a cumpra seu planejamento, pois haverá entre as pessoas que fazem parte dessa relação escolar, confiança e respeito mútuo. Então, se o/a professor/a de Educação Física considerar importante trabalhar a dança com seus alunos e alunas os dirigentes e os pais saberão respeitar a opinião do/a professor/a e antes de procurar criticar sua atitude, irão em busca de um diálogo para melhor entender sua decisão, porque reconhecem seu trabalho e valorizam seu conhecimento e não apenas sairão tirando seus filhos e filhas da aula de Educação Física porque lá está sendo trabalhada a dança. Talvez, com um diálogo saudável, seja possível mudar o entendimento de Educação Física de algumas pessoas que reconhecem a mesma apenas como lugar de práticas esportivas e mostrar a estas que a Educação Física deve ser um lugar de possibilidades para a experiência de diversas práticas corporais.

4. A EXPERIÊNCIA: ou do Porquê escolhemos conteúdos nas aulas de Educação Física.

De fato, é possível considerar que a dança é um conteúdo possível nas aulas de Educação Física. Alguns/umas professores/as até poderão nos enumerar situações que podem ser um empecilho para fazer da dança um conteúdo possível em tal contexto, como foi colocado no decorrer deste trabalho, como a falta de conhecimento e formação sobre o assunto por parte dos/as professores/as, as resistências de alunos e/ou alunas para sua prática, a falta de afinidade do/a professor/a com a dança, a falta de espaço nas escolas para trabalhar a dança, a pouca ou nenhuma colaboração da escola para a efetivação da dança como um conteúdo sistematizado na Educação Física, enfim. Mas também foi abordado aqui argumentos que mostram que todos esses elementos, de fato, não são suficientes para manter a dança fora das aulas de Educação Física. Sendo assim, surge a dúvida: se esses elementos não são suficientes para justificar a ausência da dança neste contexto, então, o que concretamente pode justificar tal realidade?

No presente estudo, apresentei que nenhum dos investigados possui uma experiência com a dança. Todos possuem poucas vivências com a mesma, que aconteceram na faculdade quando lá foi trabalhada a dança como um conteúdo das aulas de Educação Física, seja em uma disciplina de Dança ou em outras disciplinas que tenham abordado a dança como parte do conteúdo, ou, ainda, em momentos de lazer quando saíam ou saem para dançar em clubes ou em situações festivas. Quando falo de experiência aqui estou me referindo a algo que “nos toca”, que nos marca. Muitos autores (PUCCI e OLIVEIRA, 2007; BEIJAMIN, 1987; BONDÍA, 2002) já colocam que nos dias atuais a experiência pouco acontece, pois há uma “aceleração da vida”, tudo passa muito rápido e, por isso, não há experiência, pois para que esta ocorra é preciso tempo, calma, paciência, atenção (BONDÍA, 2002). As pessoas parecem estar preocupadas em adquirir informações, conhecimentos, mas não param para

assimilar essas informações e conhecimentos, como elementos marcantes para si. As coisas passam rápido demais. As escolas, as universidades, os cursos de formação de professores/as, fazendo então parte desta realidade, não fogem deste contexto: “Os professores e alunos estão cada vez mais sem tempo de fazer experiências” (PUCCI e OLIVEIRA, 2007, p. 45).

Assim, pode-se considerar que o fato da dança não fazer parte da Educação Física como um conteúdo sistematizado, pode estar relacionado à falta de experiência dos/as professores/as com tal prática. Aqui, a maioria dos/as entrevistados/as colocou que o que tiveram em sua formação sobre a dança foi realmente pouco, foi rápido e um semestre não foi suficiente para que pudessem aprender o necessário para depois poder ensinar este conteúdo para seus alunos e alunas em sua prática pedagógica. Todavia, com o esporte isso também acontece, pois na faculdade, geralmente, as modalidades esportivas também são apresentadas e ensinadas em um semestre. Então, como explicar isso, como justificar que, mesmo tendo o mesmo tempo de formação para cada uma dessas práticas, o esporte está sempre presente nas aulas de Educação Física e a dança raramente se faz presente neste contexto?

O fato é que o esporte está presente na vida escolar das pessoas desde muito tempo, então, quando uma pessoa busca a Educação Física como uma profissão, provavelmente, já conhece o esporte; talvez não conheça todas as modalidades esportivas, pois sabemos que assim como acontece com a dança, acontece também com alguns esportes: a escola acaba ensinando e/ou apresentando aos/às alunos/as apenas algumas práticas esportivas que são, geralmente, futebol, voleibol, handebol e basquetebol. Ainda assim, o esporte acaba sendo uma experiência para muitas pessoas, acaba fazendo parte da cultura de movimentos da maioria das pessoas, por estar sempre presente nas aulas de Educação Física, enquanto que a dança, passa a ser um conteúdo marginalizado neste contexto. Já vimos que a mesma está nas escolas, mas apenas em momentos comemorativos como em festas juninas, festas da família e até mesmo em abertura de Eventos esportivos, e não como um conteúdo sistematizado como acontece com alguns esportes. Isso acaba em dificuldades para o/a futuro/a professor/a de Educação Física, quando na formação inicial tem apenas um semestre sobre dança. Com o esporte, certamente, ele/a não terá esta dificuldade, pois já passou toda a sua vida escolar exercitando-o, então, aquela informação esportiva já lhe está marcada

corporalmente, já é para ele/a uma experiência e provavelmente quando se formar preferirá trabalhar com seus/as alunos/as aquelas práticas – quando não apenas uma – com a qual possui experiência e, porque não, afinidade.

Esta situação também pode acontecer com quem na sua vida escolar só teve experiências com a dança (talvez um fato raro de acontecer) e este é meu caso. Enquanto estudante, a dança foi a prática corporal com a qual mais tive contato, pois em aulas de Educação Física de 1ª a 4ª série tive atividades mais voltadas ao lúdico, brincadeiras ou iniciação esportiva, mas quando iniciei a quinta série mudei de escola e na nova instituição, que foi o Instituto Estadual de Educação, tínhamos a possibilidade de escolher entre a prática dos esportes, como basquetebol, handebol, voleibol, futsal; das lutas, como o Judô; da ginástica rítmica ou olímpica, e a dança. Essas práticas eram oferecidas pelo Departamento de esportes da escola (que lá funciona, até hoje, separado do Departamento de Educação Física), ou participar das aulas curriculares de Educação Física. Minha escolha foi pela dança: comecei a participar do Projeto *Dança, Educação, Arte e Cidadania*, onde aprendi a gostar da dança, e continuo hoje fazendo parte do mesmo. O fato é que, por isso, a dança é para mim a única “experiência” como prática corporal e quando cheguei na universidade enfrentei barreiras para aprender os esportes, pois aquelas informações não estavam em mim, tive que aprender tudo, muitas vezes sentindo vergonha por ainda não saber, já que toda a minha turma já tinha aquela informação em si. Mas aprendi alguns esportes sim, e hoje me sinto preparada para trabalhar este conteúdo com meus alunos e alunas, certamente não será com tanta facilidade como será com a dança, mas tenho a base esportiva para trabalhar na minha prática, até porque acredito que um/a professor/a de Educação Física não precisa ser atleta para saber ensinar as práticas aos/às seus/uas alunos/as. Entendo, como David (2002, p.127), que “enquanto área de conhecimento, a educação física configura-se como um lugar onde sistematiza, acumula, reflete, reorganiza e transforma saberes junto e/ou decorrentes da cultura corporal [...]”. Isso significa que o papel do/a professor/a de Educação Física não é apenas ensinar a prática, o movimento, mas sim também estimular em seus alunos e alunas o pensamento reflexivo e crítico sobre as possíveis práticas, ou seja, não devemos apenas ensinar e/ou apresentar as práticas, mas também fazer com que pensem sobre aquela prática, sobre suas relações com a cultura, ciência e sociedade (idem.).

Trazer minha experiência aqui serve para ilustrar que a experiência pode ser um ponto determinante na escolha de conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física pelos/as professores/as. Entretanto, como professores/as devemos fazer nossa parte e não fazer da Educação Física um lugar apenas de práticas esportivas, mas sim das diversas práticas corporais existentes, que possibilitarão aos nossos alunos e alunas um maior repertório de movimentos.

Como já foi dito, não seria justo com nossos alunos e alunas deixar de apresentá-lhes e ensinar-lhes outras possibilidades de movimentos só porque não nos identificamos, ou porque não sabemos ainda o suficiente para poder ensinar outras práticas. Se ainda não sabemos o suficiente, devemos buscar saber e se não nos identificamos isso não é um problema do/a aluno/a, por isso, devemos deixar que esse sentimento seja apenas nosso e não deles/as. Nosso papel é mostrar a eles/as as práticas possíveis, para que possam depois decidir se gostam ou não de praticar aquilo, até porque na Graduação em Educação Física temos o conhecimento de várias práticas corporais e não apenas de uma; isso significa que devemos então apresentar esses conhecimentos aos/às nossos/as alunos/as.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, gostaria de comentar sobre algumas limitações para a realização desta pesquisa. Por ser esta minha primeira experiência como pesquisadora, muitas limitações ocorreram e estas puderam ser observadas no decorrer da escrita e durante a análise dos dados coletados e, em especial, lembro aqui das relacionadas às entrevistas. Muitas outras questões poderiam ter sido abordadas (já que se trata aqui de uma entrevista semi-estruturada) para um melhor entendimento das situações levantadas pelos/as entrevistados/as e também poderiam ter sido mais desenvolvidas as questões tratadas aqui. Digo isso pela densidade dos relatos que foram muito significativos, e acredito que ainda se possa extrair deles outras compreensões. No entanto, é importante destacar que meu foco de estudo foi a prática pedagógica dos/as professores/as para pensar nos limites e possibilidades de trabalharmos a dança nas aulas de Educação Física. Por isso, questões relacionadas mais especificamente a organização da escola que serviu como objeto de estudo, como o Projeto Político Pedagógico, estrutura física, enfim, não foram elementos refletidos a fundo aqui, embora esses tenham aparecido nas entrevistas realizadas com os/as professores/as e coordenação a partir de algumas perguntas realizadas, como por exemplo, quando foi perguntado a eles/as sobre os possíveis espaços para a aula de dança na escola ou ainda quando perguntei sobre o planejamento anual das aulas de Educação Física. Essas limitações deixam lacunas que podem ser supridas com novas investigações.

Mesmo assim, acredito ainda na relevância deste trabalho para uma melhor reflexão sobre a presença ou não da dança nas aulas de Educação Física, para aqueles/as que se interessam por este assunto e, principalmente, para professores/as de Educação Física. Além de reflexões sobre esse assunto, trouxe também sugestões de possibilidades de

trabalhar a dança nesse contexto, tanto para professores/as que já tenham tido ou tem algum contato com a dança, como também para professores/as que não tenham tido experiências ou vivências com esta prática. Para melhor exemplificar isto, lembro da dança-improvisação, colocada aqui como uma possibilidade de trabalhar a dança buscando estimular nas alunas e alunos a criatividade, buscando estimular nos/as mesmos/as a criação de uma dança baseada na sua própria cultural corporal de movimentos. Além disso, cito que pensar a dança neste aspecto pode aproximar professores e professoras, que talvez ainda não se sintam capacitados para ensinar tal conteúdo em suas aulas, desta prática, pois com a dança-improvisação o/a professor/a não precisa se preocupar em ensinar aos alunos e alunas movimentos repetitivos, já que com ela os movimentos são construídos pelos próprios alunos e alunas a partir de elementos apresentados pelos/as professores/as. Entretanto, não posso deixar de salientar que para trabalhar com a dança-improvisação também é preciso alguns estudos e formação, pois para que ela ocorra de fato algumas características suas devem ser pensadas e estudadas e neste trabalho algumas referências são apresentadas sobre o assunto, incluindo algumas pesquisas e também pesquisa-ação sobre esta possibilidade da dança, seja no âmbito da Educação Física ou não. São pesquisas que tenho estudado a fundo para melhor argumentar esta minha sugestão de inclusão da dança nas aulas de Educação Física.

Busco com este trabalho, plantar em cada leitor/a não somente a reflexão sobre a possibilidade de incluirmos a dança nas aulas de Educação Física, mas também sobre a importância de apresentarmos e ensinarmos aos nossos alunos e alunas diversas práticas corporais existentes, para que possamos ampliar seus repertórios de movimentos, pois para mim o/a professor/a de Educação Física deve buscar ensinar e apresentar aos/às seus/uas alunos/as elementos novos e diferentes daqueles que já existem neles/as corporalmente. Além disso, defendo a ideia de que além de trabalharmos a prática com nossos/as alunos/as devemos também fazê-los/as pensar sobre a mesma, pois Educação Física não significa apenas praticar atividades físicas, mas também pensar sobre elas. O/a professor/a de Educação Física também deve contribuir para a formação de um/a cidadão/ã crítico/a e reflexivo/a e para discutir sobre este aspecto, citei a concepção de ensino da Educação Física Crítico-emancipatória, uma concepção que defende a importância da reflexão sobre a

realidade de cada prática, buscando a constante problematização da mesma para que se possa tornar transparente o que ela é e o que ela poderia ser (KUNZ, 2009).

A dança foi para mim uma experiência positiva. Com ela pude me desenvolver física e socialmente. Aprendi com a dança a me comunicar melhor com as pessoas, a impor minhas ideias. Com a dança conheci outra forma de me movimentar, me comunicar e estar no mundo. Por sentir em mim todas essas possibilidades e benefícios da dança é que defendo esta prática nas aulas de Educação Física, pois acredito que assim como ela foi importante para mim e ajudou na minha formação, ela poderá contribuir nesse sentido também para outras pessoas e é por isso que, como futura professora de Educação Física, pretendo desenvolvê-la com meus alunos e alunas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, SP. Autores associados, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BETTI, Irene. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz** – v. 1, N° 1, p. 25 - 31, junho/1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, n° 19, jan/fev/mar/abr, 2002, p. 20-28.

COPELAND, Roger; COHEN, Marshall. **What Is Dance?** Oxford New York, Toronto Melbourne. Oxford University Press, 1983.

DANTAS, Mônica. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 1999.

DAVID, Nivaldo Antônio Nogueira. A Formação de Professores para a Educação Física básica: dilemas atuais para a Educação Física. **Revista Brasileira Ciências do esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 119-133, jan. 2002.

FARO, Antônio José. **Pequena História da Dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

FIAMONCINI, Luciana; SARAIVA, Maria do Carmo. Dança na escola: a criação e a co-educação em pauta. In: KUNZ, Elenor (org.). **Didática da Educação Física**, 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa, p. 67-80. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999, 13ª Ed.

HASELBACH, Barbara. **Dança Improvisação e Movimento**. R.J.: Ao Livro Técnico SA, 1988.

KLEINUBING, Neusa Dendena; SARAIVA, Maria do Carmo. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, Outubro/Dezembro de 2009.

KLEINUBING, Neusa Dendena. **A dança como espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidade da Educação Física no ensino médio**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

KRISCHKE, Ana M. A. **Dança e Improvisação: Uma Relação a ser trilhada com o lúdico**. Monografia de curso de especialização, UFSC, 2004.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí, 2009, 7ª Edição.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber. Manual de Metodologia da pesquisa em ciências humanas** – Porto Alegre: Artemed, 1999.

MARQUES, Isabel. A. Dançando na escola. **Motriz** – V. 3, N° 1, Junho/1997.

MARTIN, John. A dança moderna (Trad. Márcia Strazzacappa). **Pro-Posições**, V. 18, n. 1- jan/abr (p.229-259) 2007 .

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: Instruções para planejar, montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo et al. A razão da dança sem razão: refletindo as possibilidades da dança na educação. **Anais x Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. V. 3 (p. 55- 60) Goiânia, Outubro/1997.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. **Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediadas pela educação estética**. Tese de Doutorado. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

SARAIVA, Maria do Carmo; SOARES, Andresa, S. Fundamentos Teóricos Metodológicos para a dança na Educação Física. **Motrivivência**, Ano XI, n° 13, Novembro/1999.

SARAIVA, Maria do Carmo et al. Dança e seus elementos constituintes: uma experiência contemporânea. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (orgs). **Práticas Corporais: experiências em Educação Física para a outra formação humana**, vol 3. (p. 115-133) Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, 2005.

SARAIVA, Maria do Carmo et al. Vivências em dança. Compreendendo as relações entre dança, lazer e formação. In: FALCÃO, José Luiz; SARAIVA, Maria do Carmo (org). **Práticas Corporais**, vol 1. (p. 141-167) Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

SARAIVA, Maria do Carmo et. al. Dança e formação para o lazer: investigando conteúdos e metodologias. In FALCÃO, José Luiz; SARAIVA, Maria do Carmo (org). **Práticas Corporais no contexto contemporâneo: (in) Tensas experiências**. Florianópolis: Copiart, 2009.

STRAZZACAPPA, Márcia . A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad.CEDES** vol. 21, n° 53. (p.69-83), Campinas, 2001.

STRAZACCAPA, Márcia. Compartilhando um olhar sobre o ensino de dança. In FALCÃO, José Luiz; SARAIVA, Maria do Carmo (org). **Esporte e Lazer na Cidade: a prática teorizada e a teoria praticada**. Vol. 2 (p. 11-28), Florianópolis Ed., 2007.

PACHECO, Ana Júlia. P. A dança na Educação Física: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciências do esporte** v.21 (1), p. 117- 124, Setembro/1999.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é Educação: Interfaces entre corporeidade e estética**. Natal, EDUFRN Ed., 2006.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos. O enfraquecimento da experiência na sala de aula. **Pro-posições**. Vol 18, n° 1 (p. 41-50), jan/abr,2007.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VEIGA, Ilma Passos A (org.). Projeto Político pedagógico da escola: uma construção coletiva. In VEIGA, Ilma Passos A (org.). **Projeto Político pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995. P. 11-33.

ANEXOS

ANEXO I: ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- 1)O que é dança para você?
- 2)Quais suas experiências em Dança? Na sua vida pessoal; durante sua formação profissional e acadêmica; na sua atuação pedagógica...
- 3)Que gênero de dança você conhece? E quais estilos? Como veio a conhecer?
- 4)Como você vê a maneira como a Dança é apresentada (divulgada) na sociedade atual (incluindo a mídia e a indústria cultural)? Qual é o espaço da dança na sociedade atual?
- 5)Você acredita na educação física como um possível espaço para a aula de dança? Porque?
- 6)Qual é, ou qual deveria ser, o conteúdo da dança nas aulas de Educação Física escolar? Como deve ser ensinado?
- 7)O que é preciso para um professor trabalhar com a dança, enquanto conteúdo, nas aulas de educação física? (formação, materiais, espaços físicos, etc.)
- 8)Que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos? (independente do estilo).

ANEXO II: QUESTIONÁRIO

(Por favor, use o verso para completar suas respostas)

1)Quais os documentos orientadores da Educação Física são seguidos pela escola para seu planejamento anual? Pode marcar mais de uma alternativa, numerando-as em ordem de importância dentro da sua resposta (n. 1 para a mais importante e assim por diante, conforme ordem decrescente do valor da alternativa).

- PCN's
- Caderno didático
- Projeto Político Pedagógico da escola
- Outros (quais?).....
- Nenhum.

OBS: Se respondeu nenhum o que norteia seu planejamento anual?

.....

2) Coloque, por ordem de importância, os conteúdos que você acredita que devem ser ensinados nas aulas de Educação Física. Numere as alternativas por ordem de importância dentro da sua resposta (n. 1 para a mais importante e assim por diante, conforme ordem decrescente do valor da alternativa).

- Jogos
- Dança
- Lutas
- Esporte
- outros (nomeie).....

Justifique essa ordem de importância:

3) O que é dança para você? Pode marcar quantas alternativas achar adequadas, numerando-as em ordem de importância dentro da sua resposta (n. 1 para a mais importante e assim por diante, conforme ordem decrescente do valor da alternativa).

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> movimentos ritmados | <input type="checkbox"/> expressão corporal |
| <input type="checkbox"/> manifestação artística | <input type="checkbox"/> manifestação cultural |
| <input type="checkbox"/> representação de música | <input type="checkbox"/> saúde |
| <input type="checkbox"/> lazer | <input type="checkbox"/> distração e alegria |
| <input type="checkbox"/> outros (você pode elaborar um conceito se preferir) | <input type="checkbox"/> expressão de sentimentos |

4) Que conteúdos relacionados à dança, podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física? Pode marcar quantas alternativas achar adequada, numerando-as em ordem de importância dentro da sua resposta (n. 1 para a mais importante e assim por diante, conforme ordem decrescente do valor da alternativa).

- Danças Folclóricas e culturais nativas
- Danças de salão e de espetáculo
- Técnicas corporais básicas e a criatividade
- outros (quais).....

ANEXO III: QUADRO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS - EXEMPLO

2)Quais suas experiências em Dança? Na sua vida pessoal; durante sua formação profissional; na sua atuação pedagógica..?

Descrição	Elementos (Síntese)	Categoria
Professor Carlos: Não. Não tive dança na faculdade.	Sem experiência. <i>(Na questão 3, este professor afirma que participou de cursos de danças gaúchas)</i>	Sem experiência
Professor Antônio: Na faculdade eu tive a cadeira de rítmica I e rítmica II. Então na disciplina de rítmica I nos tivemos danças folclóricas e é isso. Não tenho muitas experiências com dança não.	Teve dança folclórica na disciplina de rítmica. Poucas experiências.	Sem experiência
Professora Carolina: Na faculdade eu tive as disciplinas de rítmica I e II na UDESC. (...).E eu fiz dança quando pequena, mas foi em apresentações do colégio e vou te dizer que sou muito desengonçada para dançar, não é minha praia, não tenho domínio sobre isso. Inclusive nas festas juninas me acabo para conseguir fazer alguma coisa com os alunos , é passo para cá é passo para lá, mas o que da de fazer eu faço, mas não me sinto a vontade para trabalhar com a dança, mas não é porque não gosto é por não ter domínio. <i>(Então você acha que a sua formação acadêmica em dança foi suficiente para trabalhar com elas em suas aulas?)</i> Não. Tanto não foi suficiente que eu não me sinto preparada para trabalhar com isso . <i>(Mas o que foi trabalhado sobre a dança na sua formação?)</i> Foram trabalhados diferentes estilos, foi trabalho a parte teórica, foi trabalhado contagem em música, mas em muito pouco tempo. Então como era pouquíssimo tempo para cada tipo de dança , que era desde do balé clássico até forró, danças típicas, então era muito pouquinho tempo, não dava para se aprofundar em nada. Então isso não passou segurança para que depois, quem não teve essa experiência com a dança, que não era bailarino, que não dançou a vida inteira, trabalhe com isso no dia-a-dia.	Fez alguma dança na escola em apresentações e na faculdade; faz investidas com seus alunos em datas comemorativas; encontra dificuldades para ensinar dança.	Os conhecimentos e as experiências com dança são insuficientes.
Professor Alberto: Tive dança na faculdade , (...), na terceira fase com a disciplina Metodologia da Dança e a professora passou para a turma vários estilos de dança: a dança clássica, um pouco de hip hop, um pouco de estilo livre (Improvisação)...Esse foi o único contato que eu tive com a dança . E eu tive também alguma coisa na minha época de escola , mas aí eu não lembro mais de nada dessa época, só lembro de dançar em quadrilhas na	Na faculdade teve contato com alguns gêneros de dança. Na escola quando criança e, em apresentações de festas comemorativas.	Os conhecimentos e as experiências com dança são insuficientes

<p>feira junina.</p>		
<p>Professora Paula: Já na época de escola eu tive a ginástica rítmica, que eu considero uma dança também porque tem a música, os aparelhos de ginástica... (...). Na faculdade, além das aulas de ginástica tinha também a dança que nós fizemos vários tipos de dança que são tradicionais, regionais e algumas até de fora e lá nós tivemos que fazer apresentações e pesquisar...Então foi bem interessante.</p>	<p>Teve dança na faculdade e na escola com a ginástica rítmica (considera a ginástica uma dança).</p>	<p>Dança na faculdade e na escola.</p>
<p>Professora Flávia: (...). Lá na Universidade a gente teve bastante em metodologia da dança e foi bem interessante, ela trabalhava com coreografias, improvisação. (...). E foi bem interessante que a nossa turma se uniu muito com as improvisações. (...). Era muito legal, eu adorava a aula, era bem gostoso. E teve uma monitora dela que me fez gostar bastante, que ela deu samba de gafieira e deu tango. Então foi bem legal, nossa, tango mesmo eu amei. Até fiquei com vontade fazer aula, mas a gente acaba não tendo tempo, mas eu me interessei bastante. E eu tive aula de ritmo com a professora Luciana também e isso também foi bem importante e é até o que eu levo muito quando eu dou aula de dança para as crianças. (...).</p>	<p>Teve dança na faculdade. <i>(Essa professora em outra questão- questão 5- afirma que dá aulas de dança para alunos do ensino fundamental I).</i></p>	<p>Experiências na faculdade ofereceram fundamentos básicos para o ensino no ensino fundamental I.</p>
<p>Coordenador: Sim. Eu já fiz dança, fiz dança na faculdade, porque era uma disciplina obrigatória, mas já tinha experiência também, principalmente na dança de salão, saio muito com minha esposa para dançar, gosto muito de carnaval...<i>(Na faculdade, como foram essas aulas de dança?)</i> Na época que eu fiz essas aulas não foram muito legais. Porque nós tínhamos toda uma de ginástica e as meninas tinham outra parte. Então nós éramos em duas turmas: uma turma de meninas e uma turma de meninos. E aí era assim, nós tínhamos a parte de ginástica geral com as meninas e depois era dividido, nós tínhamos a ginástica olímpica e as meninas tinham ginástica rítmica. Depois nós nos juntávamos novamente na disciplina de ginástica simples que foi onde a dança entrou. Nessa disciplina tivemos uma noção de dança clássica, mas normalmente nos era passado danças folclóricas e as danças contemporâneas e no fim do semestre nós tínhamos uma apresentação.</p>	<p>Teve dança na faculdade e costuma sair para dança como forma de lazer <i>(Esse professor afirmou que a Universidade deve oferecer uma base e que a continuidade deve ser buscada pelos professores).</i></p>	<p>Dança na faculdade e vivenciada como lazer oferecem fundamentos básicos para o ensino.</p>
<p>Professor Guilherme: Lembro de algumas situações que tive na Universidade, mas não tive a vivência ou a possibilidade de transferir o que a gente verificou nas aulas para as aulas de Educação Física.<i>(Mas o que era trabalhado na faculdade sobre a dança?)</i> Eram passos de dança, exercícios que poderiam ser feitos através da</p>	<p>Teve dança na faculdade. Nada muito marcante para ele.</p>	<p>Os conhecimentos e as experiências com dança são insuficientes</p>

<p>socialização...Mais ou menos era isso. Não lembro também muito bem da aula porque era algo que não me chamava muito a atenção, não era o meu forte. A professora que dava essa disciplina era muito boa, mas não era o que eu gostava.</p>		
---	--	--

ANEXO IV: CERTIFICADO COMITÊ DE ÉTICA

Certificado

Page 1 of 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO Nº 314

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 0584/GR.99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, CERTIFICA que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

APROVADO

PROCESSO: 314

FR: 284952

TÍTULO: Dança nas aulas de Educação Física escolar

AUTOR: Maria do Carmo Oliveira Saraiva, Priscila Elza da Silva

FLORIANÓPOLIS, 28 de Setembro de 2009.

Coordenador do CEPSH/UFSC
Prof. Filipe Modolo Siqueiro
Sub-Coordenador do CEPSH/PRPE/UFSC

